



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação**

**Camila Carneiro de Mendonça Fernandes**

**Disciplina Positiva: Uma mudança de paradigma**

**Brasília**  
**2018**

**Camila Carneiro de Mendonça Fernandes**

**Disciplina Positiva: Uma mudança de paradigma**

Trabalho apresentado com requisito para a obtenção de licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dr. Paula Cobucci.

**Brasília**

**2018**

Dedico esse trabalho aos meus pais Elton e Mariana, à minha irmã, Marina e meu cunhado, Fábio. Meus avós, Neuza e Enio. Minha madrinha, Eliane e minha prima, Gabriela. Aos meus amigos de longa data, Alessandra, Heloísa, Lorena, Luísa, Sarah, Renato Maíra e Alexandre. Minhas amigas de faculdade, Bela e Bia. E a minha maior parceira, Carolina.

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por todas as oportunidades que ele me concebeu e por colocar as pessoas certas em meu caminho, que me fizeram mais forte e confiante. E por me levantar em momentos em que eu descreditei que era possível. A Ele toda honra e glória. Agradecer nossa Mãe do céu, Maria, por me colocar embaixo do seu manto e me fazer forte.

Não podia deixar de agradecer às professoras que foram tão fundamentais e que são lembradas com tanto amor e carinho Gisele, Denise, Cátia e Socorro. Levo um pouco de cada uma dentro de mim em busca de ser uma profissional melhor a cada dia.

Agradecer ao Caio e Felipe, duas crianças que me ensinaram a ser professora e me mostraram como pode caber tanto amor e criatividade dentro de pessoinhas tão pequenas, guardo em meu coração todos os momentos que tivemos juntos e todo o aprendizado.

Agradecer às minhas professoras da Universidade: Cristina, por não ter me deixado desistir no início do curso e me mostrar um mundo novo. Andrea, por ter calma e paciência com a minha angústia e me mostrar que sou capaz. A professora Monique, que, no fim do curso, me proporcionou conhecimentos que me fizeram quebrar paradigmas, me tornando ainda mais capacitada e preparada para o futuro. E, por fim, mas não menos importante, a minha orientadora, professora Paula, por ter aceitado me orientar, por saber falar as coisas certas na hora certa e no momento certo, por me ajudar e ser a melhor.

Gratidão! Esse momento é nosso.

## Memorial

Meu nome é Camila Carneiro de Mendonça Fernandes, tenho 23 anos e vou contar um pouco da minha trajetória escolar e como cheguei até aqui. Pedagogia não foi minha primeira opção e, talvez, não seja a última, mas a vontade de mudança e evolução de uma educação promissora é minha maior prioridade e vai ser para sempre. Falo isso com muita convicção devido às experiências que eu vivi durante todo o meu processo educativo e na vida.

Sou filha de professora e, por isso, sempre estudei com bolsa na mesma escola particular, dos 3 aos 17 anos. Graças ao Colégio Marista de Brasília e às pessoas que cruzaram meu caminho nesse período, que me fizeram ser o que sou hoje e me ajudaram a construir meu caráter.

O ambiente escolar estava muito presente na vida, minha segunda casa era a escola, Eu adorava ajudar a minha mãe com as coisas que ela tinha que fazer, não me importava em ficar na escola até mais tarde, porque tinha que esperá-la, mesmo tendo a oportunidade de o meu pai me buscar no horário.

E tive determinadas professoras que fizeram isso ser ainda mais vivo dentro de mim. Sempre fui uma aluna muito observadora das características das minhas professoras, fazia isso para reproduzir em casa, na minha brincadeira de escolinha, um passatempo que sempre foi meu preferido e meus pais sabiam disso, tanto que meu presente mais bem aproveitado foi um quadro branco de pincel.

Fui crescendo, amadurecendo, parei de brincar de professora e foquei nos estudos. Sempre tive muita dificuldade em exatas, a ponto de desistir de aprender, pois não entrava na minha cabeça, por outro lado, humanas sempre tirei de letra e gostava demais dessas matérias e isso até hoje, eu só não tinha dimensão como isso me influenciaria na decisão do que eu gostaria de ser quando crescer mais para frente.

Quando cheguei ao Ensino Médio, as dificuldades triplicaram em relação a exatas a ponto de eu não conseguir responder qualquer questão proposta que envolvia números e derivados. Isso fez com que meus pais ficassem

preocupados, buscando sempre como poderiam me ajudar, apesar de sempre ficar de castigo quando recebia o boletim, eu entendia que era o direito deles me colocarem de castigo, mas eu sabia que eu me esforçava, mas eu não aguentava. Isso se estendeu até o meio do terceiro ano, em que minha mãe não sabia mais o que fazer.

Ela pesquisou muito e achou uma professora particular que era conhecida como a melhor, e realmente era. Além de inteligente, ela tinha uma didática excelente, ela acreditava muito em mim, me via além das minhas dificuldades e notas baixas e ela se dedicou a mim. No segundo dia de aula com a Maria do Carmo, ela chamou minha mãe e disse para que me levasse em um neurologista o mais rápido possível, porque eu já tinha sofrido muito, mas não era apenas dificuldades, era TPAC – transtorno no processamento auditivo central.

Ao descobrir o diagnóstico, tudo mudou, a escola me ajudou, os professores me apoiaram e principalmente minha família entendeu. Isso me ajudou, apesar de ter sido um susto, foi muito bom para mim saber que não era descaso ou que eu não era inteligente. Não me apoiei nisso, mas eu sabia qual era meu limite e que a cada dia podia avançar mais e mais.

Durante esse tempo, ainda estava passando pelo Processo de Avaliação Seriada da UnB (PAS) e vestibular e veio a maior dúvida de todo o Ensino Médio, o que fazer para o resto da vida? Entrei no site da UnB e lembro de ter ficado uma tarde inteira lendo e relendo sobre cada curso, matérias que envolvia, todos os detalhes. Meu trauma de números não passou, então, qualquer curso que envolvia números, por mínimo que seja, foi, instantaneamente, excluído da minha lista.

Eu sempre amei escrever, conversar, pesquisar e meu avô sempre me viu com uma jornalista, pronto, essa foi minha escolha, Jornalismo. E que surpresa, não passei. Apenas paixão não faz com que a gente passe, vai muito além disso e às vezes esquecemos isso. Fiquei 6 meses no cursinho e infinitas dúvidas vieram junto a ele e a principal era “e agora o que eu quero?”. As buscas voltaram à tona, com tudo. Até o dia em que minha mãe me perguntou “e por que não Pedagogia?” E isso ficou na minha cabeça durante dias, mas eu não queria

assumir que eu queria ser professora, por conta da desvalorização da profissão. Comecei a pesquisar muito, conversei com minha irmã, recém-formada em Pedagogia também. E foi isso, Pedagogia.

O resultado veio e a aprovação também. Eu lembro como se fosse hoje a felicidade que eu senti de ter chegado aqui, não era minha primeira opção, mas já era alguma coisa, um universo novo e o começo do futuro. Quando me perguntavam para que curso eu tinha sido aprovada, eu respondia e retrucavam, “mas nossa, você vai ser professora?” Ainda bem que sim, alguém tem que ser e eu serei.

No início, eu pensei em desistir, eu sentia que não estava no lugar certo, eu não via futuro, paixão e amor pela profissão, diferente dos meus familiares que amam o que fazem. Em busca de uma aceitação maior, comecei a dar aula particular. Por mais que eu não gostasse do curso, eu me apaixonei por esse momento, o que me deu vontade de continuar tentando.

Por conselhos de minha mãe, resolvi tentar buscar algo maior, ser contratada em uma escola e consegui. Uma experiência traumática, que quase me custou a saúde mental, não dormia direito, com medo. Não me sentia bem, foram 8 meses de choros contínuos e muita força. Hoje vejo que tudo é aprendizado, essa experiência me mostrou que professora eu não quero ser. Ainda tenho medo de voltar para a sala de aula, me arrepio só de pensar, mas a vida é uma eterna surpresa e não devemos parar de tentar e continuar.

Tive o prazer de encontrar professoras que me encorajassem a ser melhor e tentar buscar ser diferente em um meio em que todos são conformados, acho que era isso que me incomodava, a grande maioria estagna e não quer ir além. A não compreensão de que vivemos em um momento de avanços, praticamente que diários, nos obriga a acompanhar esses avanços também e oferecer o que temos de melhor.

Volto a repetir o que eu disse antes, entre muitos choros, decepções, a alegria veio, talvez a Pedagogia não seja minha primeira opção, nem minha última, mas ser professora é a profissão mais linda e encantadora. Não tem nada mais gratificante do que receber o amor sincero de crianças e poder mostrar o

mundo inteiro a elas e ser uma eterna descoberta. Por mais que elas não lembrem, professores deixam uma marca eterna em sua vida.



“Feliz aquele que transfere o que sabe e  
aprende o que ensina”

**Cora Coralina**

## **Resumo**

Esta pesquisa tem como proposta mostrar as mudanças relacionadas à infância ao longo dos séculos, principalmente no que diz respeito à disciplina. Essa, atualmente, é pauta para a melhoria comportamental das crianças, tendo em vista em uma realidade na qual elas são totalmente capazes de questionar e desafiar a liderança dos adultos. Sabendo da importância que a disciplina tem para o desenvolvimento da pessoa, o trabalho a seguir apresenta uma alternativa que foge dos extremismos denominada Disciplina Positiva (DP). A DP contempla conceitos como gentileza, firmeza, senso de pertencimento e de significância, apresenta-se como eficaz a longo prazo, no ensino de habilidades de vida e desenvolve capacidades. Utiliza ferramentas como respeito mútuo, tentando identificar a crença por trás do mau comportamento e trabalhando para uma comunicação eficaz e habilidade para resolver problemas, sendo uma disciplina que ensina e concentrada em soluções e incentivo. Por fim, são abordados, exemplos práticos a fim de mostrar uma nova filosofia determinada a fortalecer o aprendizado diário com intuito de preparar as crianças para a vida.

**Palavras chaves:** Educação; Infância; Disciplina Positiva.

## **Abstract**

This research had the proposal to show conceptions related to childhood over the centuries, especially the discipline. This is currently a guideline for children's behavioral improvement, in view of a reality in which they are fully capable of challenging and challenging adult leadership. Knowing the importance that the discipline has for the development of the person, the following work, brings an alternative that escapes from the extremisms denominated Positive Discipline. DP considers concepts such as gentleness, firmness, sense of belonging and significance, presenting as effective in the long term, which teaches life skills and develops abilities. It uses tools such as mutual respect, trying to identify the belief behind bad behavior and working for effective communication and problem-solving skills, being a discipline that teaches and focuses on solutions and encouragement. Finally, examples were presented to show a new philosophy determined to strengthen daily learning in order to prepare children for life.

**Keywords:** Education; Childhood; Positive Discipline;

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I – A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO AO LONGO DOS ANOS</b>	<b>18</b>
1.1 <b>Concepções de infância ao longo dos séculos</b>	<b>18</b>
1.2 <b>Contribuições de Jean Piaget</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA DISCIPLINA POSITIVA</b>	<b>24</b>
2.1 <b>Alfred Adler e suas contribuições</b>	<b>25</b>
2.1.1 <b>As premissas do ser humano propostas por Adler</b>	<b>25</b>
2.2 <b>Rudolf Dreikurs e suas contribuições</b>	<b>27</b>
2.3 <b>Alfred Adler Institute</b>	<b>29</b>
2.4 <b>DP hoje</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO III – ENTENDENDO A DISCIPLINA POSITIVA</b>	<b>32</b>
3.1 <b>Mas o que seria Disciplina Positiva?</b>	<b>33</b>
3.1.2 <b>Autoritarismo x permissividade x DP</b>	<b>33</b>
3.2 <b>Critérios da DP</b>	<b>36</b>
3.2.1 <b>Gentil e Firme</b>	<b>36</b>
3.2.1 <b>Senso de pertencimento e de significância</b>	<b>38</b>
3.2.3 <b>Eficaz a longo prazo</b>	<b>39</b>
3.2.4 <b>Habilidades de vida</b>	<b>40</b>
3.2.5 <b>Desenvolver capacidades e ser conscientes dela</b>	<b>41</b>
3.3 <b>Ferramentas e características unicamente da DP</b>	<b>42</b>
3.3.1 <b>Respeito mútuo</b>	<b>43</b>
3.3.2 <b>Identificar a crença por trás do mau comportamento</b>	<b>43</b>
3.3.3 <b>Comunicação eficaz e habilidades para resolver problemas</b>	<b>45</b>
3.3.4 <b>Disciplina que ensina</b>	<b>46</b>
3.3.5 <b>Concentrando em soluções</b>	<b>47</b>
3.3.6 <b>Incentivo</b>	<b>48</b>

	<b>CAPÍTULO IV – DISCIPLINA POSITIVA VIVENCIADA NA PRÁTICA . .</b>	<b>48</b>
<b>4.1</b>	<b>Rotina . . . . .</b>	<b>48</b>
<b>4.2</b>	<b><i>“Safe Place”</i> . . . . .</b>	<b>49</b>
<b>4.3</b>	<b>Reunião de classe . . . . .</b>	<b>51</b>
<b>4.4</b>	<b>Bullying e DP . . . . .</b>	<b>52</b>
<b>4.5</b>	<b>3 Rs e 1 U . . . . .</b>	<b>54</b>
	 <b>CAPÍTULO V - RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM OUTRO LADO . . . . .</b>	 <b>57</b>
	 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>	 <b>62</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .</b>	<b>66</b>

## Introdução

Durante séculos, a disciplina das crianças não era considerada prioridade, fazendo com que fossem desenvolvidos métodos em busca de tentar incluir a criança de alguma maneira do cotidiano da sociedade. Os anos foram passando, a sociedade avançando e a disciplina se tornou necessária, porém, os métodos continuaram os mesmos.

Vivemos uma crise na educação em um modo geral. Devido ao avanço tecnológico e às mídias, as crianças têm acesso a determinadas coisas e assuntos precocemente, fazendo com que isso reflita bastante nas suas atitudes na sociedade. Os pais estão cada vez mais perdidos quanto à disciplina de seus filhos e, ausentes, não proporcionam a iniciação da educação em casa, depositando na escola toda a obrigação de formar pessoas democráticas e preparadas para viver em sociedade. A falta de limites ou abuso de poder em casa reflete diretamente no comportamento da criança fora de casa.

Isso ocasiona uma série de fatos, quase que diariamente, com reportagens e anúncios de barbaridades que acontecem dentro de uma escola, como por exemplo, no Rio de Janeiro a cada três dias<sup>1</sup> um professor é ameaçado dentro de sala e aula. Ou um professor agredido por um aluno após ter pedido para desligar o celular, em São Paulo<sup>2</sup>. Ou um jovem que atira em professor dentro da escola.<sup>3</sup> São alguns dos diversos casos que podemos presenciar de incidentes que envolvem professores e alunos. Nas reportagens podemos ver alguns comentários que dizem que isso é falta de limites ou que a criança apanhou pouco em casa.

---

<sup>1</sup> Informação disponível em <https://extra.globo.com/casos-de-policia/a-cada-tres-dias-um-professor-ameacado-dentro-de-escolas-no-rio-22885957.html> Consulta em 27 nov. 2018.

<sup>2</sup> Fonte retirada de: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/03/estudante-agride-professor-apos-pedido-para-desligar-celular-na-aula.html> Consulta em 27 nov. 2018.

<sup>3</sup> Dado retirado de <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/09/aluno-atira-em-professora-dentro-da-sala-de-aula-no-abc.html>. Consulta em 27 nov. 2018.

Estamos tão estagnados quanto à disciplina de nossas crianças que não vemos que punição não resolve, que recompensa não ajuda e que isso pode acarretar problemas ainda maiores futuramente na vida de cada um. Realmente, em determinado período da história da humanidade, fazia sentido utilizar de punições para tentar moldar a criança para a vida, mas hoje isso não acontece mais, inclusive, existem leis e projetos que têm como intuito garantir que castigos punitivos, dos que julgamos mais leves aos mais pesados, podem ser considerados maus tratos infantis e acabar em sérios problemas.

A disciplina serve para educar e orientar as crianças a viverem em sociedade, ou seja, as crianças necessitam de experiências para adquirir novos conhecimentos sobre o mundo. Suponhamos, então, que em casa a criança pode fazer tudo o que deseja, não tem horários, nem rotina, ao chegar à escola e deparar com a realidade, ela se assustará, fazendo com que isso ocasione traumas e estresses desnecessários. Pais e professores são responsáveis por oferecer experiências de aprendizagens todos os dias.

Em busca de tornar a disciplina algo favorável a todas as partes envolvidas, vários métodos e filosofias estão debatidos e conversados. Neste trabalho, trataremos em especial da Disciplina Positiva, que tem como fundamentos o respeito, a gentileza e a firmeza, entre outros aspectos, a fim de encorajar as crianças a buscarem ser melhores na sociedade, oferecendo oportunidades. Sem que haja extremos, a proposta é colocar em evidência a criança e lembrar quão influente os adultos são na vida delas. Ao falar, ao agir, a maneira como tratamos o outro dizem muito do que somos e reflete nas crianças também.

O trabalho a seguir visa trazer uma nova perspectiva quando se trata da disciplina das crianças, trazendo a tona a oportunidade de pensarmos e buscar conhecer novas estratégias para debatermos sobre o assunto. Para isso, no primeiro capítulo trouxemos um pouco de como as crianças eram vistas ao longo dos séculos e como a educação era proposta à elas. Nesse mesmo capítulo, falaremos sobre as contribuições do Jean Piaget referentes as crianças que são estudadas até hoje.

No capítulo 2, traremos uma contextualização sobre a DP, o tema principal da pesquisa. Falaremos desde seu surgimento, bem como, quem foram e qual era a finalidade de se ter uma nova filosofia atribuída a disciplina das crianças. Como cada criança demonstra o que sente e o que quer por meio de atitudes. E também, quem fala sobre ela nos dias atuais.

No capítulo seguinte, explicaremos a fundo o que é DP, suas concepções e princípios baseados em livros escritos por Jane Nelsen e sua equipe. Buscando trazer novas ideologias para a disciplina das crianças, tentando torna-las seres críticos e pensantes dentro da sociedade.

O capítulo 4 são alguns exemplos da experiência vivida na prática em uma escola particular, onde a DP é a filosofia utilizada na disciplina e princípios fundamentais para o dia a dia

No último capítulo, traremos um relato de experiência, onde a finalidade era fazer um plano de aula e acompanhar as crianças e aos poucos introduzir a DP na realidade da escola. Teve um desfecho diferente do esperado, porém, serviu de aprendizado e como uma proposta futura.

A pesquisa a seguir tem como objetivo continuar os debates sobre a importância de uma disciplina onde as experiências vividas no presente são importantes e ao mesmo tempo visam para o crescimento e amadurecimento futuro das crianças. Para isso, a seguir, apresentaremos a metodologia, bem como, os objetivos, geral e específicos.

## **1. METODOLOGIA**

Para isso, a metodologia da pesquisa foi a bibliográfica, afim de aprimorar os conhecimentos sobre a Disciplina Positiva, buscando estudar na teoria o que antes já foi vivenciado na prática. Ou seja, no presente trabalho veremos exemplos hipotéticos nos primeiros capítulos. No quarto capítulos os exemplos foram vivenciados dentro de uma realidade onde a DP é colocada em prática. E no quinto capítulo, a vivencia em uma escola que não é colocada em prática e as dificuldades enfrentadas para mudar uma paradigma inserido dentro da nossa sociedade e o que podemos fazer para modifica-lo diariamente.



## **2. OBJETIVO GERAL:**

Avaliar a importância da mudança de um paradigma educacional, tendo como referência a Disciplina Positiva, dentro do âmbito escolar.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Compreender as concepções de infância ao longo dos séculos;
- Compreender a Disciplina Positiva, bem como seus princípios e ferramentas;
- Analisar a Disciplina Positiva na prática;
- Analisar formas de atribuir a Disciplina Positiva como filosofia educacional.

## **Capítulo I – Criança e educação ao longo dos anos**

Quando se trata de crianças, Podemos considerá-las ingênuas e dependentes. Isso pode acontecer por estarem conhecendo o mundo aos poucos, o que requer ajuda e apoio dos mais experientes, porém isso não quer dizer que as crianças não tenham uma opinião e não queiram opinar no que julgam o melhor para elas.

Avaliamos a infância como uma fase fácil na vida do ser humano, mas vemos isso com o nosso olhar amadurecido, que já passou da fase e, hoje em dia, temos outras obrigações. Porém, as obrigações da criança são outras, os adultos devem entender que, para a criança, cada dia é uma descoberta nova, por isso, temos que estar preparados e determinados para educar as crianças da maneira que elas merecem, mostrando como elas podem ser melhores.

As concepções de crianças e infância foram construídas socialmente ao longo da vida. Os conceitos são diferentes comparando aos dias de hoje com antigamente, isso ocorre devido à forma como os adultos veem e interagem com as crianças.

### **1.1 – Concepções sobre infância ao longo dos séculos**

Na Idade Média, as crianças eram consideradas adultos em miniatura, eram tratadas de forma igual e os locais de trabalho também, inclusive em relação às roupas, que não tinham diferenças a não ser pelo tamanho. A partir do momento em que não eram dependentes da mãe, segundo Àries (1981) esse momento era chamado de “paparicação”, ou seja, a criança era fonte de distração e relaxamento do adulto, como se fosse um brinquedo ou um animal de estimação. Quando a criança sobrevivia a esse momento, ela estava pronta para sair da sua casa.

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. (ARIÈS, 1981, p. 99)

Nesse período histórico, as crianças aprendiam as tarefas do dia a dia, executando-as com os adultos, ou seja, a partir do momento que não precisavam mais dos cuidados de suas mães, estavam prontos para serem inseridas no mundo adulto, tendo como propósito conhecer e aprender a ser um cidadão trabalhador para o futuro.

Não havia sentimento de infância. A criança tinha suas obrigações desde muito cedo e não tinha tempo para ser criança. A educação era responsável por ensinar como ser um adulto e o trabalho era imposto a todos, sem diferenciação. Era um momento de transição de fácil superação. A preocupação era formar uma pessoa responsável, pois isso se iguala a uma pessoa boa para servir.

No século XVII, conhecido como Renascimento, não havia uma educação estruturada, isto é, as aulas eram dadas em locais públicos, praças, parques, igrejas, e sem diferenciação de idade, crianças e jovens assistiam ao mesmo conteúdo. A verificação do aprendizado era por meio da convivência com adultos e, a partir do momento em que conseguiam se comportar, conversar e ficar no meio adulto, ela poderia parar de frequentar as aulas e começar a vida adulta e suas obrigações, como Ariès apresenta:

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. (ARIÈS, 1981, p. 5)

Ao longo desse mesmo século, teve início o processo de escolarização, com o surgimento das escolas, dividido por meio de turma ou série. As crianças foram separadas dos adultos, parcialmente, e ficavam em um lugar

denominado “quarentena”, uma espécie de colégio da época, antes de irem viver no mundo.

Apesar dessa grande mudança, o conceito de infância ainda não era definido, pois as etapas de desenvolvimento e o processo educacional não eram eficazes e, claro, faziam com que a criança não fosse valorizada. “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14). Ou seja, a caracterização da educação mudou um pouco em relação ao século passado, porém a divisão entre crianças e adultos, não foi colocada em prática com vigor.

A igreja teve um papel importante ao comparar as crianças a anjos, ou seja, segundo a igreja, Deus favorece as crianças por sua sutileza, inocência e pureza divina. Colocando a educação como prioridade na vida das crianças, dessa forma, passou-se admitir a existência de uma personalidade e o sentido poético e familiar atribuído à particularidade da criança (ARIÈS, 1981).

A Igreja tinha como intuito formar cidadãos cristãos e, por isso, as crianças aprendiam os princípios, estudavam sobre a religião Católica, faziam catequese e, futuramente, primeira comunhão e crisma. Com a Igreja sendo responsável pela educação, as atividades do dia a dia, as quais as crianças eram obrigadas a fazer, ficaram um pouco de lado.

Como a educação proposta pela Igreja vinha ganhando força, o espaço das crianças passou a ser reconhecido paulatinamente. Com isso elas passaram a ter o próprio quarto, uma alimentação exclusiva para seu bem-estar e um maior espaço na sociedade, ou seja, a concepção de infância, que antes era uma transição sem importância, passou a enfatizar o sentimento que a família tem em relação à criança.

Quando a igreja passou a ter um olhar diferenciado pelas crianças, fazendo com que elas se sentissem pertencentes à sociedade, o que antes era algo distante, pois não era o foco da sociedade, se tornou, fazendo com que os pais dessem mais atenção aos seus filhos, dando uma ênfase maior no seu futuro.

No entanto, o constante aumento da convivência entre pais e filhos levou os familiares a terem maior atenção em relação à educação. Segundo

Kramer (2003), o sentimento de infância correspondia a duas atitudes contraditórias, uma de que a criança ser ingênua, inocente e graciosa, surge da “paparicação”. E a outra traz a criança como um ser imperfeito e incompleto, necessitado da moralização e da educação feita pelo adulto.

Durante o século XIX, a criança conquista maior visibilidade, fazendo com que, em 1837, Friderich Froebel, criasse o Primeiro Jardim de Infância. Froebel comparava crianças a plantas, afirmando que precisavam de cuidados para crescerem saudáveis. Nesse século, muitos avanços tecnológicos ocorreram, acarretando a Revolução Industrial, o que fez com que mulheres tivessem que sair de casa para trabalhar, mudando o estigma de cuidadoras do lar e da família. A Revolução também ocasionou, o que podemos ver até os dias de hoje, a diferença de classe social, que evidencia quem tem mais dinheiro.

A educação e a valorização das crianças foram mudando ao longo dos séculos. Além das definições, das formas como eram vistas, e das concepções que a sociedade da época tirou em relação ao assunto. Cada uma das mudanças, tinham como objetivo ser melhor para determinada época, fazendo com que tivessem diferentes pontos de vista em relação à criança, afinal, a educação visa orientar cidadãos que favoreçam a construção de uma sociedade melhor.

Buscando entender melhor o desenvolvimento cognitivo das crianças, estamos em constante busca de estudos que nos ajudem a melhorar o nosso entendimento e como buscar o melhor às crianças. Tendo em vista isso, trouxemos teorias de Jean Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças. Piaget foi um pensador do século XX que contribuiu muito para o entendimento em relação ao desenvolvimento e suas concepções e teorias perpetuam até hoje em escolas e práticas educadoras.

## **1.2 – Contribuições de Jean Piaget**

Jean Piaget contribuiu muito para a Pedagogia, mas deixava muito claro que não existe um método Piaget, pois nunca foi professor e sim biólogo,

mas gostava muito de observar e investigar como as pessoas aprendem, principalmente crianças.

Piaget, a fim de buscar mais conhecimentos sobre o intelecto das crianças, tentando saber mais sobre isso, começou os estudos e acompanhou a evolução mental das próprias filhas.

Segundo suas observações, chegou à conclusão de que tem dois lados para a absorção de conhecimento cognitivo, tendo em vista que o alcance do conhecimento é limitado. Um lado era de que crianças não podem aprender o que não têm condições de absorver. Por outro lado, podem estar preparadas para aprender e ter capacidade para tal, porém, o aprendizado que não faz falta para a criança, dificulta a absorção do conhecimento.

Apesar de nunca ter sido pedagogo, Piaget sabia que a criança aprendia a partir de provocações, para que a criança tenha vontade de procurar o conhecimento.

Para Piaget, existem quatro estágios básicos de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, do nascimento até os 2 anos de idade; pré-operatório, de 2 a 7 anos; operações concretas, de 7 a 12 anos; operações concretas, entre 11 e 12 anos em diante. Esses estágios facilitam ou buscam facilitar, para compreender melhor as crianças e fases de aprendizado.

O Sensório motor, do nascimento até os 2 anos, compreende a fase que antecede a fala. São anos e descobertas essenciais para as crianças. É a fase em que a criança se comunica por meio de gestos e ações. Durante esses 2 anos, as crianças descobrem coisas, praticamente em todos os meses. Como, por exemplo, que objetos podem ser escondidos, por exemplo, se esconderem a chupeta do bebê aos 3 meses embaixo da coberta, ele não saberá que, se olhar, ele encontrará, ou seja, quando o objeto não é visto, não existe. Por sua vez aos 9 meses, ele vai procurar e, a partir daí, saber que, ao esconderem um objeto e eles procurarem, vão encontrar.

Nessa fase, eles aprendem sobre seu próprio corpo e vão buscar ter sensações semelhantes das que já viveram. Descobrem seus dedos e pés e são

curiosos quanto a isso. Por outro lado, entendem que existe um mundo externo, um mundo real e que buscam o conhecimento de objetos.

O segundo estágio é o pré-operatório, que vai dos 2 aos 7 anos, a criança aprende a se comunicar por meio da fala mas com a característica de ser bastante egocêntrica. As crianças não pensam o que dizem, se vai ser maldosa ou não, muito menos se sua resposta tem a ver com o que está sendo perguntado, ela quer atenção e ter oportunidade de conversar. Nesse estágio, elas têm conversas e diálogos sozinhas, apenas com elas mesmas, não se importam em não terem com quem brincar, se viram muito bem sozinhas na comunicação. Esse estágio é importante com o reconhecimento dos objetos e da linguística.

O terceiro estágio é conhecido como operatório concreto. Crianças, de 7 a 12 anos estão nesse estágio. Elas têm ideias e conseguem colocá-las em prática e começam a memorizar quantidades, por exemplo. Em seu trabalho, Piaget dá exemplos dessa memorização, através de béqueres, em que a criança observa a quantidade de líquido dentro em cada béquer e, apesar de mudar o recipiente, a quantidade interna de líquido permanece a mesma. Ou seja, nesse estágio, a criança tem um pensamento e consegue colocar em prática.

O quarto, e último estágio na visão piagetiana, é o estágio operatório formal, que vai dos 12 anos em diante. Onde a criança consegue fazer tudo que já aprendeu nos estágios anteriores e, ainda, consegue ver pela perspectiva do outro, ou seja, ela consegue imaginar como o outro reagiria em determinada situação. Elas compreendem formas e objetos que podem não estar fisicamente em sua frente.

As observações piagetianas ajudam a compreender as crianças e o que deve ser ensinado em cada fase. Apesar de sabermos que há muitas variações, hoje em dia, a teoria é capaz de exemplificar como trabalhar com as crianças em determinadas idades.

Nos capítulos a seguir, iremos apresentar como os estudos sobre a criança e como a maneira com que são disciplinadas hoje em dia tem muito impacto em seu futuro.

## Capítulo II – Contextualização da Disciplina Positiva

A disciplina das crianças é um assunto muito importante, porém, com tantas mudanças na nossa sociedade, é pouco recorrente. Muitas famílias e escolas educam a criança a partir de um modelo que está na nossa sociedade há anos.

“Em tempos passados havia métodos tradicionais para educar crianças, que eram aprovados pela sociedade como um todo. Toda a família seguia um esquema comum” (Dreikurs & Soltz, 1964, P. 13), ou seja, antigamente, todos seguíamos o mesmo modelo, um modelo autoritário, em todos os ramos da vida, na educação, mas no trabalho, em locais públicos, havia um chefe e as pessoas submissas, onde era sua obrigação seguir e obedecer o que era imposto à sociedade, não podendo contestar ou buscar o melhor, todos deviam apenas a aceitar.

Na verdade, o modelo de disciplina autoritário nunca funcionou. Ele tem um extremo de que as crianças devem ser constantemente castigadas por seus erros. Isso não fazendo com que ninguém aprenda e nem leva a um ensinamento a respeito da situação que gerou a punição.

A criança é um ser que vai se basear suas atitudes no que o adulto mais próximo fizer, ou seja, os pais e/os educadores. Por exemplo, se os pais são pessoas extremamente violentas, isso vai refletir na criança tornando-o violento e qualquer problema que tiver na vida, inicialmente na escola, será resolvido com violência. Não podemos cobrar uma atitude da criança que nem os adultos em sua volta, fazem.

Por outro lado, tem-se a permissividade, quando os pais e professores largam de mão a educação da criança, fazendo com que ela tenha o poder de decidir o que quer e o que não quer, fazendo com que ela passe por cima dos adultos e achem que o mundo gira em torno dela. Na escola vai ser uma



criança mandona e caso não façam o que ela queira, vai ficar brava e tentar a todo o custo conseguir o que deseja.

Tal modelo, em que quem faz uma coisa “errada” recebe punição e quem faz algo “certo” recebe recompensa, não está ensinando crianças a crescerem com dignidade, sabendo e aprendendo o que é certo e o que é errado, estamos fazendo com que as crianças não aprendam com os erros, muito menos que encontrem soluções e aquilo se torne um aprendizado.

## **2.1 - Alfred Adler e suas contribuições**

Alfred Adler foi o primeiro psicólogo comunitário, voltado para o bem individual em prol da comunidade. Tinha a necessidade de cuidar da saúde mental e a capacidade de buscar em cada um impactos sociais positivos.

Adler foi um psiquiatra, nascido em Viena, no ano de 1870. Foi o segundo filho de sete irmãos. Teve uma infância extremamente infeliz, marcada por ciúmes e rivalidade com o irmão mais velho. Presenciou a morte do irmão mais novo, que morreu no quarto que dividiam, quase foi atropelado duas vezes e teve uma pneumonia considerada fatal, porém sobreviveu e foi a partir disso que ele resolveu seguir a carreira de médico.

Em 1895 se formou na Universidade de Medicina de Viena e optou por ser médico oftalmologista, antes de mudar e se dedicar à clínica geral. Adler afirmava que saúde psicológica e a consciência social eram importantes de se tratar na mesma proporção, fazendo com que ele tivesse um cuidado na vida sócio-familiar-profissional de todos os seus pacientes. Dois anos mais tarde, casou-se com Raissa Timofejena, com quem teve quatro filhos.

Alguns anos depois, interessou-se por psiquiatria e foi convidado por Freud para participar de um grupo de discussão, onde tinham vários psiquiatras de Viena. Porém, em 1911, Adler não se enxergava discípulo de Freud, fazendo com que ele criasse, em 1914, uma sociedade chamada: *Society for Individual Psychology*.

Adler foi psiquiatra dos militares durante a Primeira Guerra Mundial e isso fez com que ele presenciasse a loucura coletiva que uma guerra é capaz de

fazer sobre o homem. Ao voltar para Viena, viu uma cidade totalmente destruída. Adler e seus seguidores, então, se dedicassem à educação

A partir disso, o médico focou em treinar educadores, pois sabia que eles tinham total influência sobre o caráter de crianças e jovens. Afirmava que as crianças tinham que ter uma educação com dignidade, evitando problemas psíquicos, pois acreditava que, a partir da educação, teria a perpetuação dos valores.

Adler sabia que punir as crianças não estaria ensinando nada, muito pelo contrário, isso poderia piorar a atitude futura que a criança teria, pois ela não teria aprendido a lição, ela ficaria chateada e com raiva, fazendo com que virasse um problema depois. Então, segundo Adler, não se deve focar na atitude indisciplinada da criança, não estaríamos sendo efetivos e sim olhando uma pequena parte do problema, como Adler cita “compreender o significado de algumas notas separadas”. (ADLER, 2003, P. 24).

Adler acreditava que os primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais para o crescimento social dela. Tendo isso como base, em 1919, fundou a primeira clínica em Viena de orientação infantil. Com o passar dos anos, mais 22 clínicas foram abertas na Áustria e seus princípios conhecidos em todo o Reino Unido.

Em 1926 se mudou para os Estados Unidos, onde teve a oportunidade de ministrar aulas e palestras sobre suas teorias, e foi bastante influente não só para Pedagogia como para a Psicologia também.

Com 67 anos, ele faleceu na Escócia, onde estava para dar mais palestras sobre o tema.

### **2.1.1– As premissas do ser humano propostas por Adler**

A primeira premissa proposta por Alfred Adler é que o ser humano é um ser social, que nasce para cooperar. Afirmar que, para isso acontecer, o adulto deve ser um orientador da criança, e o convívio social deve ser estimulado. Além disso, tal orientação deve ocorrer nas idades iniciais, no máximo até os 5 anos,

depois disso, pode prejudicar a relação da criança com o meio externo, por já estar fixado o estilo de vida da criança.

A segunda premissa é de que todo o comportamento tem um propósito, por mais que não saibamos justificar a atitude, ela tem um fundamento, pois cada indivíduo é um ser único, indivisível e coerente. Dessa forma, é importante irmos mais a fundo em determinadas atitudes.

A terceira premissa é da subjetividade individual, ou seja, a impressão de cada um para o que aconteceu. A maneira como reagíamos aos acontecimentos é a nossa subjetividade individual. Cada um tem uma forma de ver e analisar a situação e, a partir disso, avaliamos qual o melhor caminho a seguir.

A quarta premissa é que a evolução é motivada pela luta interna de cada um, onde buscamos o pertencimento dentro da sociedade, buscando sempre o melhor e a superação. Buscando, assim, não nos sentirmos inferiores.

As crianças buscam um espaço de aceitação no meio externo e estão diariamente tentando provar que são bons o suficiente, tentando passar por cima da inferioridade. Por isso, é tão importante que estejamos em alerta com todas as atitudes em que as crianças nos trazem diariamente, pois toda a atitude é uma forma de se expressar que a criança utiliza.

## **2.2– Rudolf Dreikurs e suas contribuições**

Dreikurs também nasceu em Viena, no ano de 1897. E também foi médico psiquiatra. Foi aluno e amigo de Adler. Mudou-se para os Estados Unidos em 1937, no mesmo ano em que seu mentor morreu, para continuar seus trabalhos.

O psiquiatra apresentou as teorias de Adler de uma maneira mais fácil de compreensão. Ele trouxe a prática sem punições e recompensas e um modelo mais simplificado para pais e educadores das teorias adlerianas.

Foi responsável por escrever vários livros voltados para a disciplina de criança e criou o *Alfred Adler Institute*, em Chicago, para propagar os ensinamentos de seu mentor. Rudolf Dreikurs morreu em 1972, em Chicago.

Dreikurs tentava não ser extremista em relação a disciplina das crianças, isso é, não queria uma disciplina autoritária, pois não iria fazer com que a criança aprendesse com o erro, seria punida por conta da sua atitude, não traria aprendizados à ela e, após um tempo, traria culpa ao adulto por ter agido daquela forma. E não queria uma disciplina permissiva, onde a criança tem total controle sobre tudo, podendo ocasionar frustrações futuras a medida que a vida fosse cobrando mais.

Dreikurs colocou uma disciplina democrática, onde não haja extremos, onde haja limites e regras, mas que todos consigam opinar sobre o que é melhor, fazendo todos parte da sociedade. Em seu livro cita “Pais devem se tornar companheiros o bastante de seus filhos, capazes o suficiente para orientá-los sem que se tornem rebeldes, e também, sem reprimi-los” (DREIKURS & SOLTZ, 1964, P. 9).

Dreikurs sabia que todos queriam ser aceitos e se sentir inseridos dentro da sociedade e crianças não são diferentes, elas sabem como podem conquistar o que desejam e vão fazer isso muito bem. Quando assimilamos, verdadeiramente que, uma criança que esta se comportando mal é uma criança que tem carência de encorajamento, entende-se que, um mal comportamento como uma forma de a criança chamar a atenção e se sentir inserida na sociedade. Dessa forma, os adultos devem prestar atenção nas atitudes das crianças, pois elas podem estar tentando falar alguma coisa que esteja incomodando.

Adler e Dreikurs queriam uma nova filosofia de disciplinar as crianças, o que buscasse melhor entendimento do que tem que ser feito, impondo limites e regras, mas que não ocorram punições e nem recompensas. Que haja respeito para, assim, construir o social das crianças.

### 2.3 – Alfred Adler Institute

Em 1952, Rudolf Dreikurs, junto com colegas, fundaram o Institute of Adlerian Psychology, mudou o nome, em 1954 para *Alfred Adler Institute*, localizado em Chicago, nos Estados Unidos.

O instituto foi uma forma para que as ideias propostas por Adler continuassem em vigor em busca de uma vida saudável e bem-estar favorável a todos. Buscando sempre a melhoria do social de todos, inclusive Adler foi o primeiro psicanalista a pensar na saúde mental e melhoria de vida de seus pacientes.

Desde 1991, o instituto é conhecido como *Adler University*. O site da Universidade afirma que “Os valores e conceitos de Adler impulsionam a missão, o trabalho e os valores na Universidade Adler hoje”, ou seja, se baseiam em estudos de Adler e, conseqüentemente, de Dreikurs e se dedicam a dar continuidade à filosofia.

“Hoje a Adler University oferece 20 programas de nível de pós-graduação que matriculam mais de 1.200 estudantes nos campi em Chicago, Vancouver e *on-line*”<sup>4</sup>. Ou seja, conhecida mundialmente, a Universidade propaga os ensinamentos da DP através de pessoas que são capacitadas e responsáveis socialmente para promover a justiça social, buscando sempre o melhor do ser humano.

As ideias se propagaram, o que fez com que possamos nos informar sobre a disciplina e cursos em mais locais. Como *the Adler School of Professional Psychology*, localizada em Chicago, que também conta com educadores preparados para trazerem informações sobre seus alunos, além de ter estágios, em que os estudantes podem ter acesso não só à teoria, mas colocar e aprender na prática a melhor maneira de trabalhar a saúde mental e o bem-estar da comunidade.

Outro lugar que também conta com os ensinamentos de Adler é Nova York, o *Alfred Adler Institute*, conhecido mundialmente, oferece cursos para

---

<sup>4</sup> De acordo com o site <https://www.adler.edu/page/about/history/adler-school-history>. Consulta em 23 nov. 2018.

ajudar, não só profissionais, mas também aquelas que querem estudar o método para ajudar as pessoas.

O instituto pensando, primeiramente por Rudolf Dreikurs, continua em vigor e se multiplicou, fazendo com que mais pessoas tenham acesso ao método e possa conhecer mais a fundo, participando de cursos, programas, projetos e *workshops*.

## **2.4. Disciplina Positiva hoje**

Estamos imersos em métodos sobre a disciplina que vem sendo uma herança dos séculos passados, porém, muita coisa mudou, inclusive a forma de ver as crianças e como elas estão crescendo precocemente, fazendo com que elas não tenham medo da punição e de seus responsáveis. Logo, a forma de disciplinar as crianças esta sendo debatida para a melhoria diária. Uma nova pratica vem ganhar força nesse assunto e é bastante aplicada dos Estados Unidos, a Disciplina Positiva.

Há 30 anos, com base nos estudos de Adler e Dreikurs, Jane Nelsen juntamente com sua equipe, vem falando sobre DP, a partir de livros e palestras. Na Califórnia, onde é considerado o berço da DP, as escolas que adotaram a filosofia, têm a criminalidade reduzida e são feitas doações para que continuem aplicando nas escolas e que seja compartilhada, para que mais pessoas possam conhecer a DP.

Jane Nelsen oferece orientações em grupos juntamente com sua equipe, onde, no máximo, dez pessoas se reúnem e trocam experiências. Há um mediador – uma pessoa que estudou sobre DP e se sente confiante para ocupar esse cargo – em cada grupo, porém, só estão ali para observar, o que induz as pessoas a contarem sobre sua vivência parental. Hoje em dia, ela conta com ajuda de um grupo de pessoas para continuar o projeto e divulgar e alcançar o máximo de pessoas possíveis.

Concluindo que é uma filosofia nova, inovadora, capaz de mudar a educação e a disciplina das crianças dentro e fora de sala de aula, porém, pouco

comentada e conhecida no Brasil. Ao pesquisar em sites de artigos acadêmicos o tema “Disciplina Positiva”, poucas pesquisas são encontradas, em sua grande maioria na área da saúde e do direito. E quando pesquisamos “Jane Nelsen” apenas seis referências aparecem.

Nos próximos capítulos do trabalho, refletiremos um pouco mais sobre a disciplina, a teoria, bem como, ela pode ser desenvolvida na prática.

## Capítulo III - Entendendo a Disciplina Positiva

A palavra disciplina é atribuída de muitas maneiras, mas grande parte das pessoas, que tem que lidar com a disciplina das crianças, logo liga a palavra a um método punitivo e pejorativo, ou seja, que para uma criança ser educada, ela necessita apenas obedecer e seguir as instruções que o adulto manda. Fazendo com que a criança tenha o hábito de apenas se conformar com a situação.

Em geral, segue-se um modelo de obediência e conformidade em que quando um adulto manda fazer, a criança deve apenas respeitar. Esse modelo perpetua por décadas e, ainda hoje, conseguimos encontrar escolas que utilizam esse modelo. Porém, se pararmos para pensar, hoje em dia, as famílias têm uma forma mais igualitária, onde homens e mulheres saem para trabalhar, os jovens estão trabalhando em ideias inovadoras, crianças têm acessos a diversas fontes de informações. Como se pode esperar que as crianças tenham esse exemplo grandioso de avanço dentro de sala e não podem se sentir parte da sua própria educação?

No livro, *Disciplina Positiva em sala de aula*, Jane Nelsen relata que, quando alguns alunos do Ensino Médio caracterizaram como a escola é para eles, a grande maioria resumiu em “tédio” e mais grande parte dos jovens estavam saindo da escola, não por notas baixas, mas sim por achar que escola não tem relevância em sua vida.

Dreikurs falou a seguinte frase, uma vez “Nós podemos transformar toda a nossa vida e atitude das pessoas à nossa volta simplesmente ao mudarmos nós mesmos”. (NELSEN, p. 24). Um modelo inserido há tanto tempo em nossa sociedade é realmente complicado de se mudar, porém, se começarmos aos poucos, mudando nossa atitude ao falar com a criança, com conversas, trazendo a criança para fazer parte das decisões da sala de aula e, a partir disso, presenciar resultados positivos, iremos enxergar o mundo com um novo olhar.



### 3.1 – Mas o que seria Disciplina Positiva?

A DP é uma filosofia pensada, inicialmente por Alfred Adler e Rudolf Dreikurs, que foge da punição e da recompensa. Foi pensada como um modelo que tinha como objetivo central formar cidadãos responsáveis, capazes de atuar em sua comunidade, cooperando uns com os outros. Educados de maneira democrática, com base em princípios, como respeito mútuo, igualdade, responsabilidades etc.

Adler e Dreikurs viram a importância de se ter uma disciplina em que não mimassem ou tornassem as crianças desencorajadas, fazendo com que elas cresçam com problemas sociais e psíquicos. Logo, os adultos deveriam tratar as crianças respeitosamente, incluindo-as dentro da sociedade, pensando em seu crescimento a longo prazo.

O estudo sobre a DP começou nos anos 20. Em 1980, Jane Nelsen e Lynn Lott tiveram a oportunidade de participar de um workshop sobre a disciplina, começando, assim, a estudarem e transmitir os conhecimentos. O embasamento desse trabalho está em torno dos ensinamentos e exemplos proposto pelas autoras mencionadas e sua equipe. Apesar de outros nomes, esses são os mais conhecidos, hoje em dia, falando sobre DP, por meio de cursos, trabalhos, grupos e livros, traduzidos em diversas línguas, com o objetivo de alcançar o máximo de pessoas com essa disciplina.

A DP é capaz de fazer as crianças pensarem o que é melhor a partir de opções que são oferecidas, partindo do pressuposto que não existe apenas uma verdade, que os adultos não estão sempre corretos, mas as crianças também são capazes de decidir o que é melhor para elas. Quando a DP é aplicada, é importante que tenha confiança nas crianças, elas também são capazes de dialogar sobre o que é melhor para elas, tanto em casa quanto na escola.

Por exemplo, em uma escola existe a “hora da soneca”, onde as crianças têm um momento de descansar. As luzes são apagadas, brinquedos guardados e colchoes espalhados por toda a sala, obrigando as crianças a dormirem. Um dia, uma criança falou que não gostava da hora de dormir e via

esse momento como uma perda de tempo, porque ele podia estar brincando, conversando com colegas. Ele resolveu conversar com a professora e pediu para que ela tirasse a “hora da soneca” e liberasse-as para brincar. A professora, por sua vez, viu que a maioria não dormia mais e resolveu levar esse assunto até a direção.

Não foram necessários muitos argumentos para a mudança de nome da “hora da soneca”, por ela percebeu que isso partiu das crianças e que não seria justo não escutar, afinal, a escola busca o melhor para o aprendizado e amadurecimento das crianças. A partir desse, dia a “hora da soneca” ficou conhecida como “momento livre”. A professora ficou responsável de fazer combinados com as crianças, como por exemplo, que não é porque o momento não se chama mais “hora da soneca” que a criança poderia brincar nesse momento e dormir outra hora, que deviam escolher entre dormir ou brincar nesse único momento, depois a rotina de atividades continuaria a mesmas coisas. Todos deveriam ser respeitosos com os colegas que quisessem dormir, o que faria com que o barulho tivesse que ser menor nesse momento e que ela estaria aberta a novas sugestões caso eles tivessem mais a frente.

A DP é isso, escutar as crianças e ajustar as ideias até que seja favorável a todos os envolvidos. Os adultos não são considerados chefes, são considerados líderes, que buscam o melhor para a classe. Ele pode mediar ou até mesmo dar opções, mas nunca tomar uma decisão sozinho, em que não seja a maioria falando. O que é bem diferente ser autoritário e permissivo.

### **3.1.2 – Autoritarismo x permissividade x DP**

A DP, como já foi dito, busca formar cidadãos que tenham capacidade de atribuir valores positivos para a sociedade a partir da disciplina, que pode ser aplicada com os pais e em sala de aula. Sem ir para o autoritarismo ou para permissividade, a DP traz o conceito de que se educa com gentileza e firmeza, ou seja, nem rígido demais, onde as crianças se sentem presas, nem livres demais, onde tem liberdades de se fazer tudo que bem entendam.

Em uma situação, hipotética, sobre o autoritarismo, temos um professor, em uma aula de matemática, onde impõe sobre as crianças para resolverem situações problema. No fundo da sala, tem um menino que não quer fazer a atividade. O professor se aproxima e fala que ele tem que fazer a atividade sim porque ele está mandando e ponto. A criança, se recusando, fala que não vai fazer. O professor, aumentando seu tom de voz, se coloca como “chefe” da sala fala que se ele não fizer agora, ele não irá para a recreação. A criança não se importa e continua falando que não vai fazer, o professor se cansa e manda-o à diretoria.

Nessa situação percebemos um adulto autoritário, onde só sua verdade é a certa, sem que haja um diálogo. E o professor prefere não resolver essa situação em sala de aula, dirigindo a criança à diretoria. A criança, realmente, precisava fazer a atividade, porém, tinham outros jeitos de tratar essa situação, fazendo com que isso afaste o estudante do educador.

Agora, vamos analisar essa mesma situação, só que em uma sala de aula permissiva, onde os alunos podem fazer o que querem. O professor propõe a resolução das situações problemas e um estudante se recusou a fazer. O educador, por sua vez, pediu para ele fazer, pois é importante. A criança se recusa e que não vai resolver mesmo. O professor resolve ignorar o problema, deixando que a criança decida o que ela quer fazer, não se importando com a decisão final e nem ajudando.

A partir do momento que o professor resolveu não ajudar a criança a tomar a decisão, ele transfere a ela todo o poder, fazendo com que ela não entenda que a classe tem que regras e não aprende nada com essa situação, percebendo que foi muito fácil “driblar” o professor, fazendo com que isso possa se repetir em breve, pois a criança sabe que consegue fazer tudo que quer.

Agora, uma sala de aula em que o professor aplica a DP, a criança se depara com as situações problema e fala que não quer resolver, o professor se aproxima e fala que é muito importante que ela resolva, sem sucesso, o professor fala para o estudante, com um tom de voz calmo, eu preciso que você faça essa atividade, mas se você não quiser fazer agora, para ficar brincando, você vai ter

que fazer outra hora. Você tem duas opções, fazer as situações problema agora ou enquanto seus amigos brincam no parque, o que você prefere? A criança pensa e fala ao professor que prefere fazer naquele momento, para poder ir ao parque com seus amigos. Pronto, sem traumas e complicações.

A DP busca um ambiente agradável, onde a criança se sente pertencente. Quando o professor oferece a criança duas opções, ela se sente em uma posição de poder, o que faz com que ela colabore e consiga refletir o que vai fazer ela se sentir melhor. Quando a DP é aplicada de forma correta, não causa climas desagradáveis entre os adultos e as crianças, apesar de serem oferecidas poucas opções, são suficientes para uma boa decisão.

Os exemplos acima percebemos que os adultos não precisam ser firmes ou gentis demais. Eles precisam ter firmeza e gentileza ao mesmo tempo, fazendo com que isso passe confiança para as crianças. Colocando a criança em evidência.

A DP coloca a criança em evidência, isso é, tudo que a criança pode fazer e decidir sozinha, ela faz, sem que haja ajuda de ninguém. Ou seja, busca criar na criança uma independência e um senso de que ela é capaz de tomar suas próprias decisões e escolhas, de coisas pequenas, como o sapato que vai usar no dia e calça-lo, até decisões significativas que implicam na vida de outras pessoas, como na sala. Tendo em vista isso, o poder de decisão é fundamental, apesar de crianças não saberem pensar e simular que tem diversas decisões para uma única situação, para isso, o professor deve estar atento quanto aos ocorridos dentro de sala. Isso é, que seja capaz de auxiliar, e apenas isso, na decisão das crianças, como por exemplo, analisado a situação completa, ele oferece duas ou três opções, que são cabíveis, como tendo respeito ao próximo, seja responsável e que não prejudique ninguém, mas não dando preferência a nenhuma delas, isso faz com que a criança pare, pense e reflita o que é melhor para todas, tomando sua decisão, importante frisar que, a criança, deve saber das consequências de cada uma delas.

É importante que os professores ofereçam um espaço em que as crianças se sintam seguras de perguntar, de falar e, até mesmo, errar. A DP vê o

erro como uma forma de crescer, a partir do momento que tenham que buscar uma solução. Muitas crianças chegam na escola desacreditados com seu próprio potencial ou com medo do que pode acontecer, cabe ao educador buscar o melhor de cada criança, diariamente. A DP, por Nelsen, traz critérios para que isso ocorra de forma tranquila.

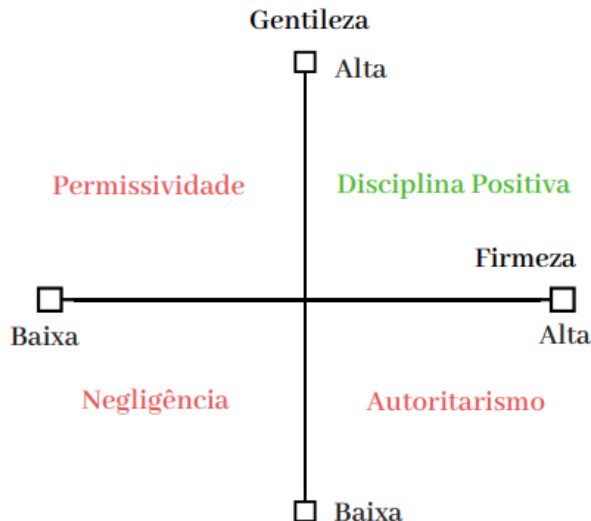
### **3.2 – Princípios da DP**

O site, *Positive Discipline Association*, que divulga informações sobre a filosofia da DP, programas, cursos para pais e professores etc. propõe cinco critérios para o começo do desenvolvimento da disciplina positiva em sala de aula, em busca do ambiente saudável e agradável que tem que ser.

#### **3.2.1 – Gentil e Firme**

É possível pensar que o sinônimo de ser “gentil” é ser permissível e o de ser “firme”, é ser autoritário. Porém, ao ser gentil, busca-se ser respeitoso com a criança e quando se é firme, está-se sendo respeitoso com a situação. Ao ter gentileza e firmeza com a criança, ela se sente respeitada e encorajada a ser melhor, fazendo com que ela consiga errar sem ser punida, por exemplo. E em uma sala de aula em que a DP é desenvolvida no momento de disciplinar, a criança deve se sentir encorajada a todo momento.

Imagem 1: Relação entre permissividade, negligência, autoritarismo e gentileza



Fonte: <https://www.eusemfronteiras.com.br/disciplina-positiva-entre-o-autoritarismo-e-a-permissividade/>

Observando a imagem acima, observam-se eixos de gentileza X firmeza. Quando se escolhe ter gentileza demais e firmeza demais, os adultos, cuidadores, professores, tornam-se pessoas permissivas, ou seja, não estamos sendo líderes de nossa sala de aula, estamos sendo amigos de nossos alunos e não estaremos ensinando nada. Se não temos firmeza e gentileza, estamos sendo negligentes, o que mostra que não estamos interessados em contribuir para tornar aquela criança respeitosa, gentil, democrática, pronta para viver em sociedade.

Se, por outro lado, agirmos com firmeza demais e gentileza de menos, estamos indo para o autoritarismo, o que faz com que afastamos as crianças demais, por terem medo e não queremos que isso aconteça. Mas, quando colocamos gentileza e firmeza com a mesma intensidade nas nossas ações, estamos buscando o melhor para as crianças, estamos dando a importância necessária para a situação e o que as crianças realmente necessitam de nós.

Quando a DP é colocada em prática, é importante que fique evidente que erros são oportunidades de aprender. Por exemplo, suponhamos que um aluno ficou irritado e pintou o desenho do colega, apesar de ter sido uma atitude

errada, a criança não precisa ser punida, ficar sozinho em um canto, perder o parque ou a hora do lanche. Ele precisa entender seu erro para que nunca cometa igual.

Logo, a professora, como líder da situação, deve ser firme, afinal ela não teve uma atitude desejada no momento, porém, gentil, para a criança se sentir encorajada a melhorar e não fazer de novo. A criança deve pedir desculpa e perguntar para o colega que teve o desenho riscado, se ele quer ajuda, caso a resposta for sim, que ele ajude com muito respeito e depois terá tempo para acabar de pintar o seu também.

Isso faz com que nenhuma criança seja humilhada, que ela não tenha raiva da situação. Os educandos verão como um erro pode fazê-los crescer, não tendo medo de errar, serão, desse modo, capazes de não esconder um erro, assumir e contar com a ajuda dos colegas e dos professores, facilitando o bom andamento da classe.

O ponto chave da DP é sempre encorajar as crianças para que elas saibam que a sala de aula também é o lugar delas e elas contam.

### **3.2.1 – Senso de pertencimento e de significância**

Todos os seres humanos buscam uma forma de se sentirem aceitos e pertencentes à sociedade onde se encontram. A criança não é diferente, ela precisa se sentir importante e merece ter voz em todos os lugares, incluindo a sala de aula. É importante que o professor seja capaz de orientar os alunos com respeito e que mostre que cada um é de um jeito, mas todos são fundamentais para a sala de aula.

Quando os educandos não se sentem importantes naquele meio, acham que são incapazes, as atitudes que eles resolvem tomar são para chamar atenção, lutar por um lugar ou deixar bem claro que desistiram de buscar ser pertencentes da sala de aula. Ser pertencente é saber que contribuem com suas atitudes e que têm conexão com o meio em que estão inseridos.

Por exemplo, temos uma criança cujos professores anteriores afirmam que ela tem dificuldade de aprender e que é praticamente impossível que ela consiga passar de ano com o comportamento que ela tem. O professor atual resolve dar uma atenção diferente da que estavam dando a ela antes. Quando ela queria chamar atenção, o professor era firme e gentil. Quando ele tinha um problema, o professor falava que queria muito saber, que estava do lado dele e, se no momento não podia dar sua plena atenção ao problema, ele falava, agora eu não posso te dar a atenção que você e seu problema merecem, mas eu estou aqui e, em breve falo com você ou pergunta se ele gostaria de colocar o problema quando se reunisse com a classe para conversar. Após um tempo, a criança começou a ir bem na escola, a participar das atividades em sala de aula conforme era proposto, os colegas queriam brincar com ele.

Em todos os momentos, o professor deve tentar encorajar a criança, mesmo quando não podia ter atenção voltada à criança, ele dizia que estaria com ela. São por essas pequenas atitudes que a criança entende sua significância no ambiente em que ela está, não sendo necessário chamar atenção de maneira indesejada, muito pelo contrário, a partir da conexão feita com o professor, ela percebe que é importante. O adulto não precisa falar que a ama, ele precisa mostrar que todos têm seu valor e por isso a sala de aula é um lugar legal de se estar.

### **3.2.3 – Eficaz a longo prazo**

Quando a DP é colocada em prática, professores devem entender que se busca ensinar as crianças pensando a longo prazo, que não seja algo resolvido apenas no momento em que determinada situação aconteceu, como forma de que ela aprenda algo sobre a situação vivenciada. Não é “apagar o fogo” e logo em seguida esquecer, é deixar um aprendizado na criança, através do entendimento, do diálogo e da conversa.

Por isso a punição não é uma opção quando falamos em DP, pois, é uma forma de a criança receber um castigo por algo que fez, “apagar o fogo” que



apareceu no momento, porém a criança não aprendeu nada com a situação, podendo fazer com que ela fique com mais raiva e repita o erro, futuramente, de forma pior.

Por exemplo, a turma estava na aula de artes, pitando telas para exposição de fim do ano. Um menino pegou a tinta e começou a pintar as paredes, o chão. A professora, por sua vez, olhou para a criança e perguntou o que ele estava fazendo, aquele momento era para pintar a tela e que, agora, ele teria que ajudar a limpar o que ele tinha feito e assim poderia continuar seu trabalho e a rotina da classe juntos com seus colegas. A professora explicou que todas as atitudes têm consequência e que ajudar a limpar era o que ele tinha que fazer.

Não precisou punir, ele não ficou isolado, de castigo, não teve um bilhete na agenda, nada disso, provavelmente essas atitudes só teriam efeito devido ao medo das crianças e isso acaba afastando-as do adulto, e na DP é a última coisa que queremos gerar. Os professores não querem prejudicar, eles querem que as crianças saibam resolver conflitos, que melhorem a cada erro, pois são oportunidades de aprender e quando tiverem a chance de repetir, pensem melhor e escolham ser respeitosos com a classe.

### **3.2.4 – Habilidades de vida**

Respeito, autocontrole, resolução de conflitos e problemas, cooperação, são habilidades importantes para a formação do caráter do indivíduo, dessa forma a professores que aplicam a DP em sala, devem tratar situações como um aprendizados para crescerem com princípios que o tornam bons cidadãos. Essas habilidades são adquiridas ao longo da vida, em todas as fases do ser humano e, é por isso, que desde o nascimento devemos colocar as crianças para terem o habito de segui-las.

Na escola, diariamente as crianças têm conflitos uns com os outros, e muitas vezes, procuram o professor para ajudá-las. Na DP é importante que o professor seja, no máximo, o mediador, a pessoa que auxilia, mas não a pessoa

que toma a decisão para elas. Por exemplo, durante o parque, todos amigos discutiram, pois os dois queriam brincar com o carrinho. As crianças, nem ao menos tentam solucionar o problema e vão atrás da professora. Contam o que ocorreu e a professora, por sua vez afirma que eles conseguem se resolver de forma respeitosa, fazendo combinados, o que eles julgam melhor para os dois, mas que ela não quer que esse problema seja resolvido por ela, muito menos que ela tenha que tirar o carrinho deles, pois eles não conseguiam se resolver.

Não demorou muito, os meninos voltaram e perguntaram pra professora se ela podia avisar quando passasse 5 minutos, a professora afirmou que avisaria, com muito prazer e perguntou qual tinha sido a decisão. Eles disseram que não gostariam de perder a oportunidade de brincar com o carrinho e que os dois tinham que brincar, então, cada um brincaria 5 minutos.

Nessa situação hipotética, vemos duas crianças com um problema, mas eles têm que saber se impor, saber resolver situação, com respeito. Dependendo da idade, a professora poderia dar opções para as crianças decidirem, mas não falar o que é melhor. Isso faz com que as crianças tenham a capacidade de crescer e amadurecer, sem que ocorra traumas maiores.

### **3.2.5 – Desenvolver capacidades e ser conscientes dela**

Muitas vezes deparamos com situações em que não compreendemos como são capazes de passar por ela. Isso faz com que, não sejamos conscientes do que somos capazes. Por isso, não basta ter a capacidade, é preciso estar consciente que temos e podemos usa-la, para estamos sempre melhorando e buscando ser uma pessoa boa para nós e para a sociedade.

Com crianças não é diferente, elas estão em constante busca de aceitação em todos os meios. A função do adulto é desenvolver as capacidade porém, além disso, torna-las conscientes e usa-las de forma construtivas. Como já foi dito, mas é importante lembrar, todo mundo erra, e as crianças, também, mas elas são seres que estão em constante vivencia com o novo, por isso que toda

situação e experiência é um aprendizado, principalmente os erros. E é a partir do erro, que podemos fazer com que elas sejam se tornem conscientes.

A criança não aprende a comer sozinha, tomar banho, pentear o cabelo, respeitar o próximo, ate que essas atitudes são inseridas em seu cotidiano, tendo a oportunidade de errar, porém, tentando, sendo encorajadas e incentivadas a desenvolver novas habilidades todos os dias.

Vamos supor que uma criança bateu em seu colega e o fez chorar, não é uma atitude que queremos que aconteça, muito pelo contrario, mas que pode acontecer, principalmente no âmbito escolar. A professora poderia punir a criança, tirando seu parque, por exemplo, mas não teria o efeito positivo, pois a criança ficaria com ainda mais raiva, fazendo com que isso pudesse se repetir. Mas também, não podemos deixar com que a criança sem uma consequência de seu ato. A professora deve instruir que a criança peça desculpas e acompanhe o colega ate a enfermaria. Quando voltasse, ela teria que conversar, com firmeza e gentileza. Ela precisa lembra-la que ela é uma criança respeitosa e que essa atitude não é ser gentil com o colega, que ela precisa ter auto controle do seu corpo, porque isso pode machucar os colegas e os deixarem tristes e que essa atitude, em sala, não é bem vinda, porque ele não iria gostar se fosse ao contrario. Lembra-lo que ele é uma criança boa e que isso não é uma atitude que ele teria em um dia que ele não estivesse irritado ou de saco cheio com alguma coisa.

Parece chocante quando lemos uma situação e em seguida uma solução sem punição. Mas quando há conexão, confiança, firmeza e gentileza, as crianças não têm medo de errar, muito pelo contrario, elas querem mostrar que são capazes de melhorar e que essa atitude não é boa para ninguém, principalmente a ele. A criança pode errar, como já foi dito, mas temos que dar opções e palavras para que elas queiram ser melhores todos os dias.

### **3.3 – Ferramentas e características unicamente da DP**

Além dos critérios listados acima, a DP traz ferramentas e características bem particulares, que tem o intuito de facilitar a melhora da

disciplina de crianças e jovens, em busca da melhora de cada um. São técnicas que devem ser colocadas em prática todos os dias. Abaixo temos um pequeno resumo dessas ferramentas.

### **3.3.1 – Respeito mútuo**

A DP afirma que ter respeito é quando os adultos pensarem nas suas atitudes antes de tê-las, que eles reflitam antes de tomar qualquer decisão. Que professores saibam que suas atitudes valem muito mais que suas palavras, que valorizem seus alunos dentro da sua individualidade e, principalmente, estejam em constante encorajamento e incentivo de suas crianças.

Uma pessoa que não tem respeito pelo próximo, não é capaz de ensinar, principalmente as crianças, que são observadoras e um espelho do adulto, tudo que as pessoas mais velhas fazem, elas imitam, então temos que ser nossa melhor versão no ensino e disciplina das crianças.

Se uma criança está gritando em sala, não podemos gritar com ela de volta, isso não é ser coerente com a situação, você está ensinando que grito se resolve gritando e não é, o grito se resolve mostrando atitudes positivas.

### **3.3.2 – Identificar a crença por trás do mau comportamento**

Toda atitude tem algo por trás, os adultos devem buscar achar o “porque” da criança ter determinada atitude repreensível. Adler já dizia, que por trás de todo mau comportamento, pode haver 4 vertentes que buscam explicar as atitudes, que são chamar atenção, lutar pelo poder, se vingar e desistir de lutar. Dessa forma, o professor deve buscar encontrar em qual dessas a criança se encaixa e decidir sua melhor opção para a melhoria do comportamento.

As atitudes são ligadas diretamente pelo que o adulto sente em cada situação. Isso é, quando o adulto se sentiu irritado, culpado ou preocupado, a criança está chamando atenção e o melhor que podemos fazer é ignorar. Por exemplo, no momento da rodinha, tem uma criança que não para de fazer

gracinha e atrapalhar o bom andamento do momento, ela esta chamando atenção e quer que o professor a note, mas o melhor a se fazer é ignora-la, ate que ela perceba que esta atrapalhando e não é assim que ela vai ser notada, ate que pare e em outros momentos relembra-la da importância que ela tem na sala e que, com atitudes indiretas, entenda que ela não precisa se comportar daquela maneira.

Quando o professor se sente magoado e irritado, provavelmente que a criança esteja lutando pelo poder, nesse caso, o professor deve conversar com a criança para entender o que aconteceu que a deixou assim. Por exemplo, a criança não para de responder o professor de forma maldosa, brigando e batendo nos colegas, querendo mostrar que ele é o chefe da brincadeira. O professor deve mostrar que não se age dessa forma, agir de forma positiva e mostrar isso a criança, impor limites e que a criança entenda as consequências de seus atos.

Caso o professor se sinta magoado, desapontado ou desacreditado com determinada situação, provável que a criança queira vingança, e nesse caso é de suma importância que o professor tenha uma conversa sincera com a criança e escute e esteja aberto a mudar suas atitudes e lembrar que sempre só quer o melhor da criança. Isso pode acontecer quando a criança não esta se sentindo pertencente daquele ambiente e começa a machucar os colegas em busca de atenção. Mostrar atitudes positivas, como pedir desculpas e ser um bom companheiro, tendo uma escuta reflexiva e colocando os sentimentos da criança em evidencia.

Quando o professor se sente sem esperança em relação à situação, é nesse momento que a criança precisa mais de atenção, para isso, o educador pode pedir à criança que faça determinados favores que fazem com que ela se sinta importante, como por exemplo pedir para que pegue papeis para a próxima atividade no armário e a distribua. Isso não é uma recompensa da sua atitude e sim uma solução para a melhora de seu comportamento.

Simplificando:

**Quadro 1: Relação entre o que o adulto sente em relação a uma atitude, e como pode agir**

	Como o adulto se sente	Exemplo de atitude	O que fazer
Chamar atenção	Irritado, preocupado e culpado.	A criança não para de fazer brincadeira fora de hora.	Ignora no momento da brincadeira e depois demonstra importância por meio de outras atitudes.
Lutar pelo poder	Magoado, irritado.	Sendo maldoso e achando que é melhor que os outros.	Conversar, agir e não falar, impor limites, oferecer opções.
Se vingar	Desapontado, magoado, desacreditado.	Agindo como se não se sentisse pertencente, tentando buscar um lugar em sala.	Mostrar a importância em sua individualidade, escutar, fazer a criança repensar em suas atitudes.
Desistir de lutar	Desacreditado	A criança mostra que precisa de ajuda.	Pedir favor em determinados momentos, mostrar significância

### **3.3.3 - Comunicação eficaz e habilidades para resolver problemas**

É importante que a criança saiba se expressar, durante sua vida toda terão situações que elas precisaram resolver seus problemas através da sua fala e na escola é um excelente lugar para ela ganhar confiança de suas habilidades.

Ao invés da professora querer adivinhar o que aconteceu com a criança, ela deve esperar a criança se acalmar ou encorajar a criança explicar de maneira clara o que aconteceu para ela, para que ela seja capaz de falar e entender o que está acontecendo e saiba que vão escuta-la. Na DP incentiva que apenas faça perguntas que busquem que pensem ainda mais no ocorrido, como: “o que você pode fazer em relação a isso?” “Você fez o que era melhor para todos?” “Como você se sente?” Perguntas básicas, porém, importantes, que você ajudará a melhorar a situação.

A gente não pode esquecer que as crianças têm voz e precisamos escuta-las.

### **3.3.4 – Disciplina que ensina**

A DP incentiva o desenvolvimento infantil, oferecendo oportunidades as crianças, visando que conquistem sua autonomia. Queremos que elas cresçam com um ser democrático e, por isso, temos que buscar que elas vivem experiências que as permitam crescer.

Deve ter calma e paciência, ate mesmo nas situações que julgamos as mais caóticas, para que não agirmos com raiva e nos arrependemos das nossas atitudes futuramente. Afinal, não visamos que a atitude que foi tomada pela criança pare por ali, isso é, buscamos a solução para o problema, através do dialogo, encorajar a criança para que isso não se repita mais, incentivar a buscar sua melhor versão diariamente.

Lembrando que fugimos do paradigma do autoritarismo e da permissividade, ou seja, de punições e recompensas. Buscamos o melhor de cada

um em sua individualidade, bem como, o nosso melhor para que possamos ser melhores profissionais a cada dia.

### **3.3.5 – Concentrando em soluções**

Na DP qualquer situação é uma forma de aprendizado em prol do amadurecimento da criança. Para isso, o processo inteiro é importante, começando pelo ato, mesmo se tiver sido errado, ate o aprendizado.

A punição esta fora de cogitação, logo, humilhação, castigos, retaliação não são bem vindos. Apenas soluções plausíveis buscando o aprendizado. Suponhamos que determinados alunos nunca chegam no horário na sala de aula, após o intervalo, ao invés de brigar, deixa-los sem intervalo, todos podem tentar buscar uma solução para melhorar essa atitude.

### **3.3.6 – Incentivo**

A DP tira o foco dos elogios e busca incentivar as crianças a serem melhores a cada dia. Dentro de sala, suponhamos, que um grupo de amigos esteja conversando, mas a maioria esta fazendo a atividade de forma respeitosa, ao invés de brigar com quem não esta fazendo e elogiar o que estão, incentivamos, dizendo “obrigada Camila por fazer a atividade de forma respeitosa” ou “obrigada a todos que estão sendo responsáveis ao fazer essa atividade”. Assim incentivamos os que estão bem a serem melhores e o que não estão tão bem assim, damos a oportunidade de melhorar.

Essas são ferramentas e atitudes que podemos ter com nossas crianças tanto em sala como em casa, visando sempre o melhor a partir da disciplina.



## **Capítulo IV – Disciplina Positiva vivenciada na prática**

Eu tive a oportunidade de trabalhar em uma escola bilíngue em que a DP é colocada em prática diariamente com as crianças de 2 a 7 anos. Apresentarei alguns exemplos que eu presenciei enquanto trabalhava na instituição e que eu percebi em que eu amadurecia e era um facilitador para as crianças.

Eu acompanhei crianças de 6 e 7 anos durante 8 meses em que eu trabalhei lá. Por serem mais velhos que o restante da escola, eles sabiam ter responsabilidades com o espaço e com o colega e, se por um deslize, não tivessem sido gentis com o colega, sabiam que havia consequências pelos seus atos. Os exemplos abaixo são situações que eu presenciei durante essa experiência.

### **4.1 – Rotina**

Todo o dia a rotina era a mesma. As crianças traziam seu material para dentro de sala de aula, guardavam no lugar destinado e poderiam se dirigir a algum centro, pré-determinado, pela professora.

A professora, sem precisar falar nada, colocava a música e as crianças sabiam que eram o momento de organizar a classe e em seguida sentar em círculos, para “começar” a nossa manhã. As crianças sabiam onde guardar todos os objetos e atividades, tendo poucos auxílios dos adultos. A música tinha a duração de 3 minutos e era suficiente para a classe organizar a sala e sentar em círculos. Eles faziam isso todas as manhãs.

Em seguida, sentados em rodas, eram sorteados os nomes de alguns alunos que seriam responsáveis por funções pré-determinadas, totalizando 8 funções, logo, são escolhidos 8 crianças. Ajudante do dia, responsável por alimentar os peixes, molhar as plantas, o primeiro da fila e o último, são exemplos de tarefas. Essas funções eram para o dia, exceto molhar as plantas, que era sorteado apenas na segunda-feira e valia pela semana toda. As crianças sabiam o

que tinham que fazer em cada função e a cada momento, sem que precisassem chamar a atenção.

Isso acontece pois, apesar de que, quando se trabalha com criança, todo dia é diferente, não quer dizer que a rotina mude por inteiro, como organizar a sala, ao ouvir a musica, ser respeitoso na hora da fila, isso se dá, porque a rotina da classe foi construída em conjunto, fazendo com que as crianças respeitassem e soubessem o que fazer sem que o adulto se torne “o chefe”, o responsável, o coordenador da atividade.

#### **4.2 – “Safe Place”**

Na DP é possível que as crianças tirem um “tempo positivo” para si, quando haja necessidade, lembrando que dar um tempo, não significa uma recompensa, é uma medida tomada com o objetivo de a criança pensar um pouco e se sentir melhor. Um exemplo é o de uma aluna, M., que em uma atividade em grupo brigou com todos os colegas, e jogou uma borracha no rosto de um colega, enquanto gritava e chorava. Em uma sala de aula com modelo de disciplina autoritária, a professora poderia gritar ainda mais alto que a criança, para conseguir controle, mas quando a DP é aplicada é necessário que busquemos entender o porquê daquela atitude.

A professora pediu que M. se acalmasse e perguntou se ela queria ir para o “*safe place*” – “lugar seguro” como é chamado, pela escola, o lugar na sala de aula em que a criança pode ir para tirar um tempo para refletir. A professora disse que poderia ir e, em breve, ia lá para que elas pudessem conversar e juntas buscar uma solução.

M. chorou muito enquanto abraçava um ursinho de pelúcia, até que, depois de uns 5 minutos, ela chamou a professora e falou que estava pronta para conversar sobre o que havia acontecido. Ela disse que o pai havia prometido que a levaria para a escola, porém, teve uma cirurgia de última hora e não conseguiu chegar a tempo para levá-la até a escola. E acabou descontando nos colegas. Ela sabia que isso tinha sido errado, mas que não tinha conseguido controlar. A

professora falou que entendia, mas que ela precisava pedir desculpas, porque os colegas sempre a queriam feliz.

O colega que foi atingindo pela borracha foi até ela, que lhe explicou o que tinha acontecido em sua família e pediu desculpas. O colega disse que estava tudo bem e que sabia que ela não tinha a intenção de machucá-lo, afinal, eles eram amigos, ela só não estava em um dia bom. M. e o colega voltaram e seguiram, normalmente, com a atividade em grupo.

M. foi encaminhada pela professora ao “*safe place*”, pois sabia que ela precisava tirar um tempo para ela, dar uma pausa no que ela estava fazendo e refletir um pouco até se acalmar. Foi o suficiente para que ela entendesse o que fez e pedisse desculpas.

O tempo positivo pode ser tirado quando a criança sentir necessidade, ou seja, o espaço tem que estar disponível o tempo todo e deve ser explicado que é algo positivo que eles têm e precisa ser usado apenas quando a criança realmente precise e não para brincar ou ser utilizado quando estiver com preguiça e não quiser fazer a atividade. Pois, se a professora perceber que isso está acontecendo, eles podem perder esse privilégio, pois é uma consequência de suas atitudes.

Por exemplo, uma vez, a aluna B. voltou do parque cabisbaixa e, quando entrou na sala, perguntou se ela podia ir ao “*safe place*”, pois não estava se sentindo feliz. Ela não discutiu com ninguém e não tinha passado por alguma coisa diferente aquele dia, ela só não estava se sentindo bem e resolveu se sentar sozinha por um tempo. Dez minutos foram suficientes para que ela voltasse ao grupo e fizesse a atividade com todos.

Essa prática pode estar presente nas salas de aula de todos os anos, inclusive Ensino Médio, pois, às vezes, estudantes precisam sair da rotina maçante da escola e poder ficar um tempo “à toa”<sup>5</sup>, para que volte as atividades normalmente.

---

Domenico de Masi, sociólogo italiana, escreveu sobre a importância do tempo livre, denominada por ele como ócio criativo.

### 4.3 – Reunião de classe

Um combinado feito, juntamente com a classe, era de que, em todas as sextas feiras, haveria uma reunião de classe. Para isso, eram dispostos em sala de aula, dois envelopes, um denominado “problemas” e o segundo “elogios”. Logo, durante a semana, as crianças e as professoras poderiam escrever problemas ou elogios para colegas da classe, que seriam discutidos e lidos durante a reunião de classe.

Toda a sexta, sentados em roda, onde todos pudessem olhar e dialogar de igual para igual, os problemas eram lidos, para que todos pudessem buscar uma solução. Em determinada semana, o problema escolhido foi a fila. Era combinado que, toda vez que saíamos de sala de aula para ir para algum lugar na escola, era necessário fazer fila e os alunos não estavam cumprindo esse combinado. Os alunos não estavam sendo respeitosos, nem responsáveis quanto à fila.

Quando o problema foi lido, toda a classe ficou em silêncio, pois, por mais que eu pedisse para fazerem a fila, os estudantes não estavam me dando atenção, até que um aluno falou “acho que esse problema é fácil de resolver, é um combinado que a gente tem com as professoras, então precisamos ser responsáveis e prestar atenção quando alguém pedir para a gente fazer a fila e não sair dela de jeito nenhum”. Outro colega ainda completou “e se algum colega não estiver prestando atenção, todo mundo pode se lembrar que a gente precisa fazer a fila”. Todos concordaram.

Percebe-se que, em nenhum momento, as professoras tiveram que dar sua opinião, a solução foi proposta pelas próprias crianças, o que facilitaria que esse problema não acontecesse mais, pois elas chegaram à melhor solução para elas. Elas tiveram o poder de mudar uma atitude para que o bem estar da turma e como um todo melhorasse.

É interessante destacar que, nos momentos em que as crianças estavam resolvendo um problema, não havia conversa paralela, elas se sentiam parte do processo: elas queriam pensar na mudança e colocá-la em prática o mais

breve possível. Logo não era necessário que a professora intervisse, ela estava ali como mediadora, caso precisasse. Como eles já estavam habituados, eles sempre conseguiam achar uma solução na mesma aula em que a situação era proposta.

Após os problemas, era o momento de identificar os elogios da semana. A professora buscava lembrá-los de que o elogio não era elogiar “eu quero elogiar a Camila porque a blusa dela é linda”. Um exemplo interessante foi elogiar uma situação em que a pessoa se sentisse orgulhosa, como no dia que o estudante H. elogiou um colega porque ele estava brincando sozinho na hora do parque, e o amigo chamou-o para brincar de correr e agradeceu por ele ter sido legal naquele dia.

Fazer elogios é uma forma de as crianças se lembrarem de que todas são importantes, apesar de suas diferenças, todas vivem no mesmo espaço e merecem respeitar uns aos outros e elogiar é uma forma de mostrar que você se importa com o próximo.

A reunião de classe é uma ferramenta que facilita o dia a dia, como a Jane Nelsen apresenta em seu livro *Disciplina Positiva em Sala de aula*, pois, quando algum aluno oferece um problema para a professora que a criança não tenha conseguido resolver sozinho e não precisa de intervenção imediata, basta você perguntar “que tal colocar isso na pauta de reunião de classe, para que juntos com a classe possamos buscar uma solução?”. Apenas dar a oportunidade às crianças de usar a voz já proporciona que ela seja um indivíduo pertencente àquele meio.

#### **4.4 – Bullying e DP**

Em determinado dia na escola, durante o parque, o estudante S. é encontrado chorando muito. Ao ser perguntado sobre o que havia acontecido, ele não quis dizer, apenas disse que queria ir pro “*safe place*” para ficar lá um bom tempo e disse que não tinha amigos.

Um dia, após a aula de música, o educando H. entra na sala chorando descontroladamente. Eu pedi que ele conversasse um pouco comigo

para eu entender o que estava acontecendo. Ele me contou que teve uma dinâmica na aula anterior, em que cada um tinha que escrever uma música, de sua autoria, no papel, dobrar e sentar-se no círculo. Uma música ia tocar e todos iam passar o papel para o lado e, quando a música acabasse, você ficaria de recordação com a música do seu colega.

Quando a música parou, H. havia recebido a música criada por S. e, nas palavras dele, que não gostou de ter recebido a música que o S. escreveu, pois ele não era seu amigo, aliás que o S. não era amigo de ninguém. Conversamos com o H. e perguntamos se isso era atitude de menino gentil. Depois disso, começamos a observar melhor o aluno S. durante os momentos de recreação e vimos que ele sempre estava sozinho, sem amigos, até que um dia todos os meninos estavam falando mal dele, excluindo-o e rindo dele.

Chegamos à conclusão de que se tratava de uma situação de *bullying* e que deveríamos acabar com isso o mais rápido possível. A psicóloga da escola pediu que a professora separasse uma hora do dia seguinte, pois ela faria uma reunião de classe de emergência e uma dinâmica. A dinâmica era a seguinte: cada um tirava um papel e colava na testa, poderiam estar escritas coisas boas, como “bom amigo”, “lindo”, ou coisas ruins, como “não gosto de você”, “você é chato”. A criança tinha que achar uma dupla e agir conforme o que estava escrito no papel.

Após algum tempo de interpretação, as crianças voltaram ao círculo e tiveram a oportunidade de contar um pouco o que sentiram. As pessoas que ouviram coisas boas, estavam se sentindo muito bem, porém as que tinham recebido coisas ruins, estavam se sentindo magoadas e foi a partir disso que explicamos o “poder das palavras”, que elas podem ser usadas para o bem ou para o mal e que poderiam deixar outras pessoas tristes ou alegres.

Orientamos também que as nossas atitudes tinham que estar de acordo com o que esperávamos que os outros fizessem por nós. Que todo mundo tem mais afinidade com determinados amigos, mas que todos nós éramos colegas e deveríamos respeitar uns aos outros.

Durante o restante do ano, todos se respeitaram, inclusive o número de elogios que tinham que ser lidos durante a reunião de classe foi duplicado, pois todo mundo viu a importância de falar bem e lembrá-los de que são fundamentais na sala de aula.

#### **4.5 – 3 Rs e 1 U**

Nelsen explica que devemos focar nas soluções, ou seja, quando uma criança comete um erro, haverá consequências para seu ato, mas é importante que foquemos na solução e não no problema em si, pois o problema vai passar, mas o ensinamento fará a criança amadurecer.

Essas soluções estão relacionadas ao 3 Rs e 1 U, que significam: relacionadas ao problema, respeitosas, razoáveis e úteis. Em um modelo autoritário, por exemplo, quando uma criança não ajudou o restante da classe a organizar o espaço, ela recebe uma punição, como por exemplo, não ir brincar no parque ou ficar sem recreio. Essa solução de não brincar no parque, não o ajudou a amadurecer e não repetir mais, só contribuiu para ele ficar com mais raiva do que já estava e ele não aprendeu nada com seu erro, ou seja, ele pode fazer de novo, até mesmo pior.

Com a DP é diferente. Três meninas estavam brincando com a persiana da sala até que ela quebrou e caiu em cima das meninas. Em vez de a professora gritar e deixá-las sem parque ou oferecer qualquer outra punição, a pessoa responsável por arrumar a persiana foi avisado e disse que só poderia ir à sala arrumá-la às 9h45, bem no horário destinado ao parque. Todo ato tem uma consequência e, dessa vez, foi ajudar o Sr. M. a consertar a persiana que elas haviam estragado. Como ele só poderia atender ao chamado na hora do parque, as meninas que teriam de ajudá-lo perderam o parque.

No entanto, apesar de as meninas perderem o parque, essa não foi a consequência, afinal elas tinham que arrumar o que elas haviam quebrado e o único momento possível foi no momento destinado a brincarem no parque. Quando acabou o conserto, elas puderam ir brincar. Portanto, não houve punição,

e sim o ensinamento que tiraram dessa situação, que foi: relacionado ao problema, respeitoso, razoável e útil.

Outro exemplo era que, íamos para o lanche e a fila precisava estar organizada para irmos. A estudante E. e a estudante C. não paravam de conversar e, apesar de alguns amigos já as terem alertado, elas resolveram não escutar e continuaram conversando. A solução foi a seguinte, se elas não sabiam ser responsáveis na fila, elas não poderiam ter o privilegio de comer com todos, no local aonde estávamos indo. Logo, elas pegaram o lanche, voltaram para a sala e comeram lá, enquanto pensavam na sua atitude. Após o lanche, elas puderam ir ao parque, como todo mundo.

Outro exemplo aconteceu com o educando L., de 4 anos de idade. Ele disse que estava com sede, falei para ele beber água. Em um curto intervalo de tempo, ele disse que estava com sede de novo, eu deixei, pois estava muito seco e pensei que poderia ser isso. Não demorou muito, ele pediu a terceira vez. Dessa vez, eu fui observar o que ele estava fazendo: em vez de beber água, ele enchia o copo e jogava no chão. Cheguei perto dele, fiquei de joelhos, na altura dele, olhei nos olhos dele e perguntei o que ele estava fazendo, ele disse que achava legal jogar a água no chão. Eu expliquei que desperdiçar água era errado e que não iria mais deixá-lo pegar água sozinho se ele não conseguisse ser responsável com o filtro e eu teria que acompanhá-lo todas as vezes.

Na aula seguinte, ele pediu para beber água, fui com ele. Quando chegamos à terceira aula seguinte, ele me disse que já estava preparado para beber água sozinho, que ele seria respeitoso e não desperdiçaria mais água. Para aprender com o erro, eu tive que acompanhá-lo algumas vezes até o filtro, mas ele amadureceu quanto à consequência do seu ato e nunca mais repetiu o erro.

Não foi proposta punição em nenhum dos exemplos apresentados. No primeiro exemplo, as crianças não estavam sendo respeitadas na fila para ir ao refeitório, logo, não estavam preparadas para ir, então como consequência de seus atos, não foram para o refeitório até que se sentissem prontas para poderem ser respeitadas no local, e, claro, não perderam o momento de brincar no parque, porque não estaria inserido na prática dos 3 Rs e 1 U.



As pessoas que desenvolvem a DP, têm que ter em mente que todo erro é uma oportunidade para a criança aprender. Quando punem, é possível que a criança fique com mais raiva, não aprenda nada e, por ter tido uma atitude muito brava, cause um sentimento de culpa, ou seja, não favorece a ninguém. Porém, quando o foco está na solução, todos são beneficiados com isso.

## Capítulo V – Relato de uma experiência: um outro lado

Como já foi dito, a escola é um lugar importante para as crianças e preparar um lugar seguro, que ofereça o melhor é fundamental. A escola é uma extensão dos aprendizados desenvolvidos em casa, isto é, a maneira como as pessoas da família se tratam dentro de casa, a criança tenderá a tratar quem está fora dela. Logo, se em casa tudo é resolvido na base da punição, como bater e gritar, provavelmente, isso vai acontecer quando a criança tiver um problema na escola. Isso se dá devido à falta de preocupação com a disciplina de nossas crianças durante os séculos passados e assim fomos desenvolvendo métodos que solucionassem problemas imediatos e, hoje, buscamos mudar esse modo, afinal, nossas crianças evoluíram e buscam algo mais em relação à escola.

Apesar de muitas escolas perceberem e quererem a mudança na filosofia de ensino, é complicado desapegar de um método presente há tantos anos e iniciar um novo em prol de uma mudança comportamental favorável para a criança e uma busca que amadureça e capacite para ser uma pessoa responsável e democrático futuramente.

Tive o prazer de ser convidada a ter experiência em uma escola pública localizada no Varjão, Região Administrativa do Plano Piloto em Brasília, com o intuito de conhecer e tentar incluir a DP no cotidiano das crianças. Era uma realidade bem diferente da que eu vinha vivendo e, por isso, foi um pouco mais difícil começar do zero e mudar pensamentos. É uma escola que oferece o período integral, em que, em um turno as crianças ficam tendo aula em sala e, no outro, a escola promove atividade extracurriculares, sendo elas: ir ao Grupamento de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil em Brasília realizar atividades físicas<sup>6</sup>, ir

---

<sup>6</sup> O *Programa Forças no Esporte* é um convênio entre os Ministérios da Defesa e do Esporte, por intermédio de um termo de cooperação técnica, com a finalidade de proporcionar atividades esportivas para a comunidade priorizando crianças e jovens carentes, com a intenção de contribuir para a melhoria da qualidade de vida com acesso à prática esportiva educacional orientada, focando no desenvolvimento e acompanhamento de novos talentos e a aproximação das Forças Armadas com a comunidade. O Programa tem como um dos propósitos democratizar o acesso à prática esportiva, por meio de atividades a serem realizadas no contraturno escolar, de caráter complementar, contribuindo para a colocação social, bem-estar físico, promoção da saúde e

à Escola da Natureza<sup>7</sup>, no Parque da Cidade, para realizar atividades relacionadas à educação ambiental.

Ao chegar à escola, percebi que o espaço era excelente, paredes coloridas e frases motivacionais, com quadra de esporte e lugares propícios para as crianças serem crianças. Fui até a sala onde estariam as crianças com que eu ficaria durante a tarde. Chegando, tinham diversos meninos em pé em volta da mesa e uma lista sendo anunciada, ao escutarem seus nomes, meninos comemoravam e saíam da sala. Ao terminar o anúncio dos nomes, alguns meninos choraram, outros se recusaram, porque o nome não foi anunciado e resolvi perguntar o que era essa lista. Era a lista de meninos liberados que poderiam jogar futebol das 14h até as 16h30 e os que não foram chamados inicialmente, poderiam ir às 16h30.

Isso acontecia sempre e mesmo assim ocasionava revoltas. Os meninos de 8 a 12 anos, já deviam estar habituados com essa seleção em qual horário iriam. E todos iriam jogar, alguns antes, outros depois. Isso era rotineiro e não deveria mais causar essa surpresa. Eles já deviam estar cientes, ou seja, a conversa e a rotina deve ser entendida não apenas pelos adultos, mas também pelas crianças, isso faz com que todos saibam o que pode acontecer e que dessa forma é a melhor, pois o futebol não pode ser jogado por 33 meninos ao mesmo tempo. Se adotássemos a Disciplina Positiva como cultura escolar, poderíamos conversar com as crianças e certificarmos-nos de que tudo esteja esclarecido e aprovado também por elas. No entanto, não era assim que encontrei a situação.

Resolvi então começar minha proposta didática, eu me apresentei e pedi licença para oferecer algumas atividades diferentes, mas, antes, gostaria de conhecer um pouco mais de cada um. Os estudantes poderiam se apresentar por

---

desenvolvimento de crianças e adolescentes, principalmente em situação de vulnerabilidade social. Disponível em <https://www.marinha.mil.br/gptfnb/?q=node/17>. Consulta em 24 nov. 2018.

<sup>7</sup> A Escola da Natureza foi criada, em 1996, com o objetivo de promover tanto a práxis ecopedagógica, quanto à construção da cultura de Educação Ambiental na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Nesse sentido, elabora e propõe metodologias para a Educação Ambiental na perspectiva da Educação Integral. Disponível em [http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/coord\\_ed\\_integral\\_form\\_atend\\_oficina.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/coord_ed_integral_form_atend_oficina.pdf). Consulta em 24 nov. 2018.

meio de um desenho, um texto. Eu gostaria que eles me dissessem o nome, a idade, o que mais gostam na escola e o que gostariam de ser quando crescer e o que mais quisessem me contar.

Ofereci materiais diferentes, lápis de cor, giz de cera e fiz um combinado, que eles poderiam conversar, contanto que não atrapalhassem os colegas. Esse momento durou pouco, pois muitos começaram a se levantar e sair da sala, sem ao menos avisar. Perguntei para as meninas que estavam sentadas do meu lado se isso era um combinado e elas disseram que ninguém nunca reclamou sobre isso e que era normal. No primeiro momento, não contestei, mas quando eu percebi que estavam saindo para brincar, pedi para que me falassem onde estavam indo, pois eu não os conhecia e gostaria de saber caso acontecesse algo. Eles aceitaram, pois sabiam que eu era novata ali e mais que isso, eles se sentiram seguros comigo, eu me preocupei com eles.

Ao concluírem a atividade, pedi para que se sentissem à vontade e quem gostaria de compartilhar, aquele era o momento. Todos quiseram. Então fiz um novo combinado, ninguém conversaria mais, se alguém tivesse algo para comentar e se fosse gentil compartilhar no momento, era só levantar a mão e aguardar a sua vez, afinal, o ato de ouvir é fundamental e precisamos aprendê-lo, sempre temos algo para falar e, às vezes, escutar acaba se tornando uma tarefa árdua.

Eu pude observar que a grande maioria dos meninos estavam certos de que, quando crescerem queriam ser da marinha, e resolvi perguntar o porquê desse interesse todo. Eles me responderam “tia, lá a gente aprende a ser forte”. Eles aprendem práticas que não vemos no nosso cotidiano, são oferecidas a eles experiências que fogem da realidade do espaço de convívio habitual.

É muito importante oferecer às crianças, desde o nascimento, oportunidades e experiências que as façam independentes e, mais que isso, que sejam capazes de entender o que gostam e o que não gostam e às vezes elas terão que fazer determinadas atividades que as desagradam um pouco, mas explicar que é para seu desenvolvimento e que vai ajudar a crescer, faz com que saibam porque estão sendo submetidas àquelas atividades.

A outra atividade do meu planejamento começava com a leitura de um livro – *Menina bonita do laço de fita*, da autoria de Ana Maria Machado – e, em seguida, os estudantes teriam que identificar o início, o meio e o fim da história, podiam escolher se iriam escrever ou desenhar. Essa atividade não foi recebida de maneira favorável, muitos se viram obrigados e afirmaram que não queriam fazer isso mais, eu pedi para que fizessem do jeito que achassem que fosse melhor para eles. Enquanto essa atividade acontecia, duas meninas mexiam no meu estojo, que tem várias canetas coloridas permanente, elas tinham riscado o corpo inteiro, mesmo quando eu havia pedido para não fazerem isso. A professora que estava comigo nesse momento, na intenção de me ajudar, levou a menina para outra sala afirmando que ela teria que fazer uma atividade em outro local. Na intenção de me ajudar, ela acabou punindo a menina, isso faz com que, como já vimos, não melhore em nada, foi explicado que a menina estava passando por alguns problemas familiares e que todos os problemas estavam sendo resolvidos assim para ela aprender.

Claramente ela estava tentando chamar atenção e era difícil para todos lidarem com essa situação, sendo punidos, afinal, estamos muito presos a métodos passados em que a punição era a única saída para a melhoria do comportamento. Nesse caso, o ideal seria mostrar a ela quão importante ela é no grupo, pedindo favores, conversando com ela, se ela está com problemas em casa, precisando tornar, assim, a escola um lugar seguro e agradável, em que ela possa ser ela mesma, até mesmo errar e saber que tem consequências, mas que seja um local em que ela se sinta confortável e encorajada a cada dia para melhorar.

É fundamental que o diálogo esteja presente em qualquer relação, inclusive na escola. São várias opiniões, várias situações, várias vozes. O mal de todo adulto é pensar que apenas eles estão lutando por alguma coisa, enquanto tudo é fácil para as crianças e achar que não estão prontas para tomar qualquer decisão, isso faz com que não sintam pertencentes e acabamos afastando-as de nós.

Quando se trata de mudança de um paradigma, é um processo extenso. Ou seja, reparei que, se eu fosse uma vez por semana e tentasse aplicar a DP às crianças, não surtiria o efeito necessário, de inserir uma educação democrática no dia a dia delas. Isso me fez pensar como poderia tornar a DP como a filosofia, ela precisa ser conhecida e discutida, logo, a escola, teria que auxiliar os educadores, por meio de cursos e palestras, fazendo com que os educadores se familiarizem e consiga aplicar dentro de sala diariamente.

Tentar inserir uma nova maneira de disciplinar, quando estamos imersos dentro de uma realidade, necessita de ousadia e calma para fazer diferente, afinal, leva tempo para nos adaptarmos e tornar os novos ideais parte do cotidiano. Se pararmos para pensar e voltarmos no primeiro capítulo deste trabalho, veremos como as crianças foram tendo seu espaço dentro da sociedade e por fim, como a educação foi sendo inserida aos poucos e hoje em dia, podemos discutir sobre a melhor maneira de disciplinar nossas crianças.

Ou seja, os professores teriam que criar uma nova cultura, estando abertos a mudanças e sabendo que vai levar algum tempo, assim como tudo na educação, que leva tempo até alcançar o que almejamos. É, diariamente, buscar fazer diferente nas pequenas atitudes, até que isso se torne rotineiro e seja inserido por completo no dia a dia, afinal buscamos sempre tirar o melhor de nossas crianças, não seria justo, não estarmos buscando o nosso melhor para oferecer a elas.

## Considerações Finais

As crianças foram pouco compreendidas em séculos passados, elas não tinham infância, não tinha oportunidade de ter experiências que as preparassem para a vida adulta, onde pudessem errar e apenas ser crianças. Eram inseridas no mundo adulto precocemente, o que ocasionava uma série de problemas. Tivemos avanços a cada ano e isso se perpetua até hoje, onde podemos debater e discutir o que é melhor às crianças, tendo leis e programas que assegurem seu direito, afim de oferecer oportunidades e melhorias.

Adler e Dreikurs, viram a necessidade de mudar os modos de disciplinar as crianças, sabendo que isso poderia melhorar o futuro delas, evitando problemas psicológicos e contribuindo para serem contribuintes dentro da sociedade. Em busca de cidadãos capacitados a fazerem o bom ao próximo, sabiam que teriam que colocar em prática uma educação mais democrática, onde adultos e crianças pudessem conversar e decidir os acordos a serem colocados em prática. Para isso, buscavam compreender as crianças a cada atitude que elas tivessem, trazendo concepções e conceitos que hoje são base para a Disciplina Positiva.

A disciplina das crianças vem sendo debatida fortemente afim de alcançar o objetivo que é tornar crianças corretas e coerentes para viver na sociedade. Por isso, o autoritarismo e a permissividade são as práticas que visam sanar o mau comportamento, porém não são mais eficazes, pois não enxergam o aprendizado presente e o amadurecimento futuro, isso é, visam uma melhora imediata de uma atitude que tem um objetivo a ser alcançando por traz.

A DP, por sua vez, exclui os extremismos e mostra o equilíbrio, entre a firmeza e gentileza, onde não precisamos escolher ou um ou outro, e sim, ambos, para sermos respeitosos com a situação e com a criança. Ao sermos firmes e gentis com as situações, estamos permitindo que as crianças reflitam sobre o que fizeram, que entendam que todas as atitudes têm uma consequência, mas, abrimos um caminho para que percebam que os erros são oportunidades de aprender.

Durante muito séculos, o modelo autoritário nos mostrou que todos os erros deveriam ser punidos, fazendo com que a criança tivesse medo de errar, sabendo da reação de seus responsáveis, isso faz com que ela não seja capacitada a estar em constante aprendizado. Vale ressaltar que, quando a DP é colocada em prática, os professores não aceitam os erros, como se não tivessem consequências, muito pelo contrário, eles buscam compreender a atitude, isso é, eles sabem que as crianças estão em fase de conhecimento sobre o mundo e que os erros vão estar presentes no dia a dia, e porque não aproveitar os erros e tirar um ensinamento dele, para que não se repita e as crianças se sintam encorajadas a melhorar.

Assim como os adultos, as crianças também querem se sentir inseridas no ambiente em que estão, para isso, os educadores devem tentar conhecer a todas e ser mediador dentro de sala, isso é, buscar compreender quando uma criança agindo diferente, sendo agressiva ou se esta chateada com alguma coisa, olhar além do erro e buscar que ela se sinta acolhida e segura diariamente no ambiente escolar. Logo, mudar o modo de falar e de agir é fundamental para o professor que deseja ser apoio das crianças, para que vejam nele uma pessoa em que podem confiar. E os professores, por sua vez, encorajem todos os dias suas crianças.

As crianças são muito observadoras e muito das suas atitudes são espelhos de atitudes de adultos, ou seja, se um adulto ao se deparar com algum problema, briga, grita e é agressivo, provavelmente isso será passado a criança, ou seja, quando a criança erra, ela observará mais a maneira em como o adulto está falando com ela, do que o que ele está falando, então ter consciência de que as atitudes dizem mais que as palavras e compreender como isso pode afetar a criança. Então, saber dar o tempo para que a atitude seja conversada é importante, pensar nas palavras e no modo de falar também é parte do aprendizado que buscamos às crianças, afinal, queremos que ela aprenda com determinada situação.

A educação vai muito além de mostrar que se ama por meio de palavras bonitas, temos que estar mostrando que amamos por meio de atitudes



também, elas precisam saber que não é que existem regras ou limites, que não a amamos, muito pelo contrario, vivemos em uma sociedade e o entendimento de que todos têm direitos e deveres já faz com que ela cresça sabendo que faz parte disso também e isso é muito bom.

O respeito mútuo é importante, não podemos exigir respeito e que sejam responsáveis com suas atitudes, se nós não oferecermos isso às crianças. Ou seja, saber ouvir, conversar, mostrar alternativas e ter calma em momentos complicados é mostrar como ser respeitoso com o próximo e como isso é favorável a todos.

Com a DP buscamos orientar a longo prazo, ensinar habilidades de vida, que sejam encorajados e se sintam capazes de serem melhores, que as crianças tenham consciência de que podem, inclusive quando se erra. As crianças precisam de mediadores para se tornarem responsáveis e independentes. E quando percebemos que a criança esta com dificuldade para resolver uma situação, devemos mostrar entre 2 e 3 alternativas, dentro de uma determinada situação e faze-la pensar qual deve decidir e que seja favorável a todos os envolvidos, não devemos escolher por elas, apenas facilitar.

A DP coloca a criança em evidencia e como tudo pode ser útil para o futuro. Ou seja, traz conceitos e concepções de uma melhoria no desenvolvimento da criança. É evidente que leva tempo para que mude uma filosofia na maneira de educar, afinal, estamos acostumados com uma outra visão de disciplinar as crianças, mas como já foi dito antes, tudo na educação leva tempo ate que todos estejam de acordo com as perspectivas novas, é ter vontade de mudar e ousadia para conseguir caminhar com passos pequenos, até o cumprimento total da mudança.

São quebras de paradigmas que devem ser feitas diariamente, mudando uma atitude rotineira e atribuindo novos ideais para dentro de sala. Afinal, queremos formar cidadãos capazes de inovar e praticar o bem, com princípios de dignidade e para isso temos que oferecer experiências que aprimorem isso desde sempre nas crianças. Elas são capazes e querem ser ainda mais capacitadas diariamente, cabe a nós, professores, incentiva-las, dizer que

toda atitude tem uma consequência, sendo ela boa ou ruim e não menosprezar quando elas erram, cada situação é uma forma de aprender e melhorar.

A DP contribui para o crescimento e amadurecimentos das crianças, dando autonomia moral, cognitiva e emocional à elas e dessa forma, torna-las preparadas para enfrentar o mundo externo, sem traumas. Para isso, as escolas devem buscar maneiras de conhecer e aprimorar os conhecimentos da DP e tentar colocar em prática com a ajuda de professores e tentando criar uma nova cultura e podendo se sentir motivados a cada mudança comportamental das crianças no dia a dia.

O presente trabalho não visa sanar as discussões relacionadas a disciplina, mas pretende oferecer propostas para quebrar paradigmas e mostrar que “sair da caixinha” e buscar novos modos de olhar a educação é essencial para nossas crianças, afinal, tentamos contribuir para enriquecê-las de maneira que elas consigam pensar democraticamente e contribuir para a sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER SCHOOL OF PROFESSIONAL PSYCHOLOGY.

<https://www.academiccourses.com/universities/USA/Adler-School/>. Data de acesso em 11 de outubro de 2018.

ADLER UNIVERSITY. <https://www.adler.edu/page/about/history/adler-school-history>. Data de acesso em 11 de outubro de 2018

ALFRED ADLER INSTITUTE OF NEW YORK.

<https://www.aainy.org/index.php/programs>. Data de acesso: 11 de outubro de 2018.

AMADO, Casimiro Manuel Martins. *História da Pedagogia e da Educação – Guião para acompanhamento das salas*. Universidade de Évora, 2007.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, 1981.

BARROS, Rubem. *Historiador inglês mostra caos na Europa depois da Segunda Guerra Mundial*. 6 de julho de 2017. Disponível em <http://www.revistaeducacao.com.br/historiador-ingles-mostra-caos-na-europa-depois-da-segunda-guerra-mundial/>. Data de acesso em 8 de setembro de 2018.

BROWN, Meressa. 10 Ways to Practice Positive Discipline for Better-Behaved Kids. 12 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.workingmother.com/10-ways-to-practice-positive-discipline-for-better-behaved-kids>. Data de acesso em 10 de setembro de 2018.

CAMPOS, Iberê Moreira. Alfred Adler, suas teorias e influências na psicanálise. Instituto Luzes. Disponível em:

<http://www.luzes.org/conteudo.php?ar=3&a=119&Cod=139&w=1366&w=1344>.

Data de acesso em 9 de setembro de 2018.

DISCIPLINA POSITIVA BRASIL.

<http://disciplinapositiva.com.br/novosite/index.php/leitura/artigos>. Data de acesso em 8 de setembro.

DREIKURS, R. & SOLTZ, V. *Como educar nossos filhos nos dias de hoje – Liberalismo X Repressão: uma orientação segura para os dilemas de pais e filhos*. Editora Record.

Eu sem fronteiras. Disciplina Positiva – Entre o Autoritarismo e a Permissividade. Disponível em: <https://www.eusemfronteiras.com.br/disciplina-positiva-entre-o-autoritarismo-e-a-permissividade/>. Data de acesso em 10 de setembro de 2018.

Juliana Franco. Criando os filhos com afeto através da Disciplina Positiva. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vJCSIQ4CkBI>.

NELSEN, J., LOTT, L., GLENN, H.S., *Disciplina Positiva em sala de aula*. 4ª Edição. Editora Manole, 2013.

NEVES, Nogueira Fabiana. *Disciplina Positiva: o respeito como base da educação*. 7 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.iespe.com.br/blog/disciplina-positiva-educacao-e-respeito/>. Data de acesso em 10 de setembro de 2018.\

PIAGET, J. INHELDER, B. *A Psicologia da criança*. São Paulo. Difel, 1982.

POSITIVE DISCIPLINE. <https://www.positivediscipline.com/>. Data de acesso em 10 de setembro de 2018.

POSITIVE DISCIPLINE. <https://www.positivediscipline.org/about-positive-discipline>. Data de acesso em 5 de setembro de 2018.

RODRIGUES, P. Bete. *Afinal, o que é Disciplina Positiva?*, 4 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.culturadapaz.com.br/afinal-o-que-e-disciplina-positiva/>. Data de acesso em 10 de setembro de 2018.

ROGERS, Bill. Adler and Dreikurs. 2007. Disponível em: <https://www.gloucestershire.gov.uk/media/18290/29-adler-and-dreikurs-2017.pdf>. Data de acesso em 9 de setembro de 2018.

REIS, Adriana Martins. *O papel da Disciplina Positiva em casa e na escola: sua implicações sobre o desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro, 2012.

SELANDER, Margareta. *Manual sobre Disciplina Positiva*. Santiago, Chile. Novembro de 2008.